



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PROLING
MINTER UFPB/IFTO

NAHETE DE ALCANTARA SILVA

A PREPOSIÇÃO *PARA* E SUAS VARIANTES NO FALAR
ARAGUATINENSE

JOÃO PESSOA-PB
2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING
MINTER UFPB/IFTO

NAHETE DE ALCANTARA SILVA

A PREPOSIÇÃO *PARA* E SUAS VARIANTES NO FALAR
ARAGUATINENSE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Dermeval da Hora

JOÃO PESSOA-PB
2010

T154p Silva, Nahete de Alcantara Silva
A Preposição *para* e suas variantes no falar araguanense /
Nahete de Alcantara Silva . -- João Pessoa, 2010.
74f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba,
Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, 2010.

Orientador: Prof. Dr. Dermeval da Hora

Bibliografia e anexos

1. Língua portuguesa - Preposições. 2. Sociolinguística. 3.
Linguagens e línguas. I. Universidade Federal da Paraíba. II. Título

CDD 469.5

Ficha Catalográfica: Rosana Maria Santos de Oliveira
Bibliotecária CRB2-810

NAHETE DE ALCANTARA SILVA

**A PREPOSIÇÃO PARA E SUAS VARIANTES NO FALAR
ARAGUATINENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Data: ____/____/____

Conceito: _____

Prof. Dr. Dermeval da Hora - Orientador

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena

Profa. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa

Aos meus pais: Pedro da Silva Pereira
“*in memoriam*” e Maria Naná de
Alcantara Silva.

Ao meu amor Frank Toshimi Tamba.

Aos meus filhos Clarissa e
Segundinho: presentes divinos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me amparar nos momentos difíceis, me dar força interior para superar as dificuldades, mostrar os caminho nas horas incertas e me suprir em todas as minhas necessidades.

À minha família, a qual amo muito, pela confiança e incentivo.

Ao meu querido esposo, Frank Toshimi Tamba, pelo companheirismo em todos os momentos, pelo amor incondicional.

Ao Professor Dr. Dermeval da Hora por sua ajuda nos momentos mais críticos, por acreditar no futuro deste projeto e contribuir para o meu crescimento profissional e por ser também um exemplo de profissional a ser seguido. Sua participação foi fundamental para a realização deste trabalho.

Ao Professor Dr. Rubens Lucena pelo privilégio de haver trabalhado em um tema ao qual ele já tinha desenvolvido na Paraíba e que me serviu de norte, bem como pelas aulas, e ainda, pela valiosa colaboração na etapa da qualificação. No que concerne a esse último aspecto, quero agradecer também a contribuição da professora Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa pela disposição para discutir o projeto, bem como por seus questionamentos e contribuições na etapa da qualificação.

A Everardo e Tamires, irmão e sobrinha, pela companhia em todas as horas, e em especial nas diversas madrugadas que fiquei trabalhando nesta dissertação.

Ao amigo de todas as horas, Edmundo Costa Oliveira, pelo suporte técnico e organização das gravações.

À comunidade de Araguatins e às pessoas que gentilmente concordaram em participar como informantes neste trabalho

Minhas colaboradoras Adrilene, Ilmar, Gorete e Rosana Oliveira que me ajudaram nos momentos que precisei

A todos os colegas e professores da pós-graduação do MINTER em Linguística pelo convívio e aprendizado.

A todos os amigos do Instituto Federal do Tocantins pelo carinho e apoio.

Vício da fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

Oswald de Andrade

RESUMO

A presente pesquisa trata da Preposição PARA e suas variantes no falar do nativo da cidade de Araguatins-TO, sob a luz da Teoria Variacionista. Buscou-se, sobretudo, observar de que forma essa variação se processa, pois de acordo com a literatura pode ocorrer tanto em função de condicionamentos sociais quanto linguísticos. Os 36 informantes utilizados, nesta pesquisa, foram estratificados, igualitariamente, em função do sexo, da faixa etária e da escolaridade. Nesta análise, foram testados os seguintes grupos de fatores: contexto fonológico seguinte, paralelismo formal, pausa, presença de vibrante no item seguinte, sexo, faixa etária e escolaridade. A hipótese principal era de que o uso da variante padrão *PARA* seria a mais observada entre pessoas mais escolarizadas, enquanto que as variantes não-padrão *PRA* e *PA* seriam mais usadas em falantes de escolaridade média ou baixa, o que não foi confirmado. Os fatores que favorecem o uso da variante 'pra', variante predominante, são: contexto fonológico seguinte, escolaridade, faixa etária. Os principais resultados obtidos por uma análise binária indicam perfil de mudança de para, sinalizando um desaparecimento desta variante na oralidade. Com relação às outras variantes, pra e pa, detectou-se um fenômeno de variação estável na fala do nativo de Araguatins-TO.

Palavras-chave: **Preposição 'para'; Sociolinguística variacionista; Mudança; Variáveis**

ABSTRACT

This research deals with the preposition “ Para” and its variants in the talk of the town of Araguatins-TO, by the Theory of Variation. It is intended mainly to observe how this change takes place, according to the literature it may occur as a function of social constraints on language. The 36 informants used in this research, were stratified equally, by gender, age and schooling. In this analysis, we tested the following groups of factors: phonological context following formal parallelism, pause, vibrant presence in the following item, sex, age and education. The main hypothesis was that the use of “para” variant pattern was the most observed among more educated people, while the non-standard variants of PRA and PA were more used by speakers of average or lower education , which was not confirmed. The factors that favor the use of variant “pra” prevalent variant, are following phonological context, education, age. The main results indicated by a binary analysis shows a profile to change, signaling the disappearance of this variation in pronunciation. Regarding the other variants, pra and pa , it was detected a phenomenon of stable variation in the speech of native in Araguatins-TO.

Keywords: Preposition ' para'; Sociolinguistic Variation; Change; Variables

LISTA DE TABELAS

	p.
Tabela 1 - Contexto Fonológico Seguinte: Efeito da variável PRA no corpus de Araguatins- TO.....	48
Tabela 2 - Contexto Fonológico Seguinte: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins- TO.....	48
Tabela 3 - Escolarização: Efeito da variável PRA no corpus de Araguatins- TO.....	50
Tabela 4 - Escolarização: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins- TO.....	50
Tabela 5 - Faixa Etária: Efeito da Variável PRA no corpus de araguatins- TO.....	51
Tabela 6 - Faixa Etária: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins- TO.....	51
Tabela 7 - Sexo: Efeito da variável PRA no corpus de Araguatins- TO.....	54
Tabela 8 - Sexo: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins- TO.....	54
Tabela 9 - Presença da Vibrante no Item Seguinte: Efeito da variável PRA no corpus de Araguatins- TO.....	55
Tabela 10 - Presença da Vibrante no Item Seguinte: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins- TO.....	55
Tabela 11 - VALTINS X VALPB.....	57

LISTA DE GRÁFICOS

	p.
Gráfico 1 - Percentual de ocorrência das variantes <i>para</i> , <i>pra</i> e <i>pa</i>	46
Gráfico 2 - Faixa Etária: Efeito da variável PRA no corpus de Araguatins-TO.....	52
Gráfico 3 - Faixa Etária: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins-TO.....	52
Gráfico 4 - Ocorrência das variantes (para, pra e pa)	58
Gráfico 5 - Contexto Fonológico Seguinte - PA (consoantes labiais, coronais e dorsais)	58
Gráfico 6 - Contexto Fonológico Seguinte – PA (vogais anteriores, posteriores e central)	59
Gráfico 7 - Vibrante - PA (ausência e presença).....	60
Gráfico 8 - Escolaridade – PA (alta e baixa)	60
Gráfico 9 - Sexo.....	61

SUMÁRIO

	p.
1	INTRODUÇÃO..... 13
2	OBJETO DE ESTUDO..... 17
2.1	FENÔMENO..... 18
3	EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA LINGUAGEM 20
3.1	ESTUDOS PRÉ-LINGÜÍSTICOS E PARALINGÜÍSTICOS NA ANTIGUIDADE..... 20
3.2	A LINGUAGEM NA IDADE MÉDIA ATÉ O SÉCULO XIX..... 22
3.3	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO SÉCULO XX..... 24
3.3.1	A Visão Estruturalista..... 24
3.3.2	A Visão Gerativista..... 27
3.3.3	A Visão Sociolinguística..... 28
3.3.3.1	Variação e Mudança..... 31
3.3.3.1.1	Variação Estável e Mudança em Progresso..... 32
3.3.3.1.2	Teoria da Variação..... 33
4	METODOLOGIA..... 36
4.1	COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA..... 36
4.2	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA..... 38
4.3	DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS..... 40
4.3.1	Variável Dependente..... 40
4.3.2	Variável Independente..... 40
4.3.2.1	Variáveis Linguísticas..... 41
4.3.2.1.1	Contexto Fonológico Seguinte..... 41
4.3.2.1.2	Paralelismo formal..... 42
4.3.2.1.3	Presença de Vibrante no item seguinte..... 43
4.3.2.2	Variáveis Extralinguísticas..... 43
4.3.2.2.1	Sexo..... 44
4.3.2.2.2	Faixa etária..... 44
4.3.2.2.3	Anos de escolarização..... 45
4.4	MÉTODOS DE ANÁLISE..... 45
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS..... 46
5.1	VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS E SOCIAIS FAVORÁVEIS..... 47

5.1.1	Contexto fonológico seguinte.....	47
5.1.2	Escolarização.....	49
5.1.3	Faixa etária.....	50
5.1.4	Sexo.....	52
5.2	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS DESCARTADAS.....	54
5.2.1	Presença de Vibrante no item seguinte.....	54
5.2.2	Paralelismo formal.....	56
6	VALPB x VALTINS.....	57
7	CONCLUSÃO.....	62
	REFERÊNCIAS.....	65
	ANEXOS.....	68

1 INTRODUÇÃO

Durante todo o curso da vida escolar, nas aulas de Língua Portuguesa, a gramática normativa sempre foi a principal fonte, onde se buscava auxílio para o esclarecimento das dúvidas que surgiam, e, assim, acreditava-se ter a noção profunda da Língua Portuguesa. O ambiente escolar, efetivamente, é espaço privilegiado de normatização social, ao qual sempre foi atribuído o papel de defensor da forma e da regra valorizada, do melhor uso e com poder de qualificar o indivíduo para seu destaque social, ou seja, constituía-se a tácita idéia de que é positivo e correto o uso linguístico da fixidez de parâmetros, ao tempo em que a corrupção linguística é apresentada pela variação e mudança.

Com a percepção da Linguística, vieram muitos questionamentos e conhecimentos em relação à língua e, conseqüentemente, apresentou-se a sociolinguística variacionista que traz a mutabilidade e a variabilidade como características básicas e evidentes de qualquer língua natural. Seu foco é a compreensão de como as mudanças se dão nos sistemas linguísticos e como essas mudanças podem ser relacionadas a processos variáveis sincrônicos nos quais fatores linguísticos e sociais estão, intrinsecamente, ligados. A variação da língua é fato incontestável de acordo com a nova linguística.

Daí pode-se entender porque algumas variações linguísticas estigmatizadas pela normatização, quando são utilizadas com frequência, interpõem-se através do uso, ou seja, “uma mentira dita mil vezes vira verdade”, e essa metaforização pode ser assim colocada, no contexto linguístico, como elementos que alteram a “arte do bem falar” pelo fato de, involuntariamente, serem adotados por todos os falantes de uma mesma comunidade linguística.

Portanto temos uma língua que não é homogênea e por isso deve ser entendida justamente pelo que caracteriza o homem – a diversidade, a possibilidade de mudanças. Isso é o que preconiza a linguística atual.

A partir desse raciocínio, surgiu a idéia de se pesquisar o uso da preposição ‘para’ e suas variantes no falar de Araguatins, utilizando dados do Projeto VALTINS como corpus, tendo por base a teoria da variação (LABOV, WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968). Assim, serão observados casos como os citados a seguir:

- (1) “votaram **para** o diretor”
- (2) “saia **pra** ôto lugar ”
- (3) “Os anzóis **pa** nós pescar ”

Este trabalho tem como objetivo geral traçar o perfil linguístico dos falantes da cidade de Araguatins-TO no que diz respeito ao uso da preposição PARA e suas variações. E como objetivos específicos: (a) determinar a frequência de cada uma dessas variantes em análise: PARA, PRA, PA; (b) indicar a variante mais utilizada pelos falantes da cidade de Araguatins-TO; (c) observar a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos no processo de variação da preposição PARA e suas variantes; (d) verificar se o comportamento variável da preposição PARA reflete estágio de variação estável ou de mudança em progresso.

Em relação à influência de fatores sociais e linguísticos, foram levantadas as seguintes hipóteses:

- ❖ O uso da variante padrão *PARA* é a mais observada entre pessoas mais escolarizadas, enquanto que as variantes não-padrão *PRA* e *PA* são mais usadas em falantes de escolaridade média ou baixa.
- ❖ As mulheres utilizariam mais a variante *PARA*, considerando a tendência do sexo feminino a usar a forma de prestígio com mais frequência do que o sexo masculino.
- ❖ Adultos e velhos utilizariam a variante padrão *PARA*, ao invés de *PRA* e *PA*, em maior escala que os jovens, pois, em geral, os jovens tendem ao emprego das formas não-padrão bem mais que pessoas já idosas.
- ❖ As variáveis *PRA* e *PA* apresentariam maior tendência de uso quando seguida de vogal central e das consoantes. A opção de *PARA* seria influenciada por segmento mais distantes do ponto labial. A explicação seria a de que haveria uma tendência à repetição de sons de natureza articulatória semelhante, que atuaria de forma consistente no processo de escolha das variantes.
- ❖ O paralelismo formal sofre a tendência de as variantes serem influenciadas pela forma precedente de mesma natureza. Assim, a forma *PARA* seria favorecida quando precedida por ela mesma, o mesmo se sucede com as variáveis *PRA* e *PA*.

❖ Se a palavra seguinte apresenta uma consoante vibrante, haveria uma maior tendência ao uso da variante *pa*. Caso a palavra não apresente uma consoante vibrante, haveria uma maior probabilidade do emprego de *para* e *pra*. Isso pode ser explicado pela relativa dificuldade de pronúncia de vibrantes em duas palavras seguidas.

❖ A última hipótese se refere à posição das variantes em relação a pausas. Acredita-se que a presença de pausas favorece a escolha da variante padrão *PARA*, em razão de processos fonológicos condicionados pela velocidade da fala.

Dentro das muitas variedades de um idioma, sempre há uma mais prestigiosa porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. A função repressora está intimamente associada ao valor normativo, ou seja, força contrária à variação. No caso específico da preposição exposta, a referência do ideal é a forma *PARA*, assim como preconizam as gramáticas tradicionais. (ALMEIDA, 2003; CEGALLA, 2008; FERREIRA, 2003; SACCONI, 2001).

Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc.

Portanto, com essa possibilidade de apresentá-la e aplicá-la, será possível oferecer subsídios a propostas de ensino, tomando por referência a fala efetiva dos estudantes, de onde poderá surgir a constatação de que a variação existe na língua falada, mas não, necessariamente, na língua escrita.

Ainda, a possibilidade de comparar com outros estudos idênticos já realizados em outras regiões do país, e por não existir um estudo científico do falar araguatinsense, torna-se interessante a realização de uma pesquisa sociolinguística variacionista inédita a partir da coleta *in loco*, uma vez que a cidade de Araguatins-TO faz parte do projeto VALTINS – Variação Linguística do Tocantins -, ainda em face de construção para fins de publicação.

Para desenvolver as idéias orientadoras desta pesquisa, o trabalho divide-se em seis capítulos:

Após a introdução do tema estudado, dos objetivos, das hipóteses e da justificativa, apresenta-se, no segundo capítulo, o objeto de estudo, ao tempo em que são citados os trabalhos realizados sobre a variação da preposição para.

No capítulo 3, trata-se das diversas orientações teóricas que se fizeram ao longo da história da área da linguística e do estudo da variação e da mudança linguística. Ressalta-se a teoria da variação linguística, pois será o suporte teórico utilizado para a descrição e análise do fenômeno linguístico, objetivo desta pesquisa.

Já no capítulo 4, apresenta-se a metodologia utilizada neste trabalho, com base no modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa, e a caracterização dos informantes, bem como as variáveis controladas e o método computacional utilizado no trabalho.

No capítulo 5, as tabelas comparando os dados numéricos e a interpretação do fenômeno em estudo.

No capítulo 6, são demonstrados os resultados da variação da preposição 'para' nos trabalhos, fazendo uma comparação tendo como referência os dados do VALTINS X VALPB.

Seguem a este último capítulo, as últimas considerações a respeito do trabalho e as referências bibliográficas.

2 OBJETO DE ESTUDO

A disparidade entre a língua escrita e a língua falada no Brasil sempre foi muito evidente, desde o período colonial:

Embora tenha fracassado o esforço dos jesuítas, contribuiu, entretanto, para a disparidade, a que já aludimos, entre a língua escrita e a falada no Brasil: a escrita, recusando-se, com escrúpulos de donzelona, ao mais leve contato com a falada; com a do povo. (FREYRE, 1998).

E hoje, no Brasil, é irreal o nivelamento da língua devido a muitos fatores como: social, histórico, geográfico e cultural. Portanto, estudar as variações e o que as provoca para entender o processo evolutivo lingüístico se faz necessário para uma melhor compreensão da realidade lingüística.

Conforme Alkmin (2008) o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Neste sentido, existem alguns trabalhos fonológicos que tiveram como objeto de estudo o fenômeno de supressão de segmentos.

Paiva (1996) investigou a supressão das semivogais nos ditongos decrescentes no Rio de Janeiro. Brandão (1997), em um estudo sobre dialetos rurais, observou a incidência de apagamento de *flaps*. Vandresen (1999 apud LUCENA, 2001), em um estudo sobre o português falado na Região Sul, pesquisou a queda da vibrante em posição de coda.

Elegeu-se a preposição 'para' como objeto de análise para demonstrar o que ocorre no uso da língua falada em Araguatins-TO em relação a sua variação. Neste trabalho, foi utilizado o corpus coletado pelo Projeto Variação Linguística no Estado do Tocantins – VALTINS-, adotando a teoria laboviana, norteadora para o desenvolvimento desta pesquisa.

As gramáticas normativas, base do estudo da língua nas escolas, conceituam a preposição como uma classe gramatical invariável que estabelece relações de sentido e de dependência, porém em sua maioria não incluem as formas não padrão do 'para', ignoram as variantes pra e pa. Diferentemente, buscou-se mostrar as variações existentes, apresentar as influências de diversos fatores no processo de

escolha das variantes, de que forma uma predomina sobre a outra, além de verificar se a língua em uso aponta para alguma mudança,

O tema da supressão da vibrante na variação da preposição *PARA* tem registro em quatro trabalhos:

O primeiro deles, em 1970, por Henrietta Cedergren sobre a alternância entre duas formas da preposição *para* (/para/ e /pa/) no espanhol panamenho.

O segundo, em 1993, por Carmem Felgueiras ao analisar a ocorrência da variação da preposição *para* no Rio de Janeiro. Os dados para o trabalho de Felgueiras foram extraídos do Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL).

Já o terceiro trabalho, em 1997, foi desenvolvido por Ana Maria Vellasco que analisou a variação da preposição na fala de crianças residentes nas zonas rural e urbana da cidade de Sobradinho, no Distrito Federal.

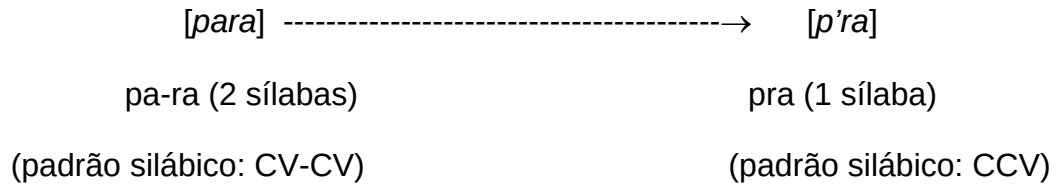
No ano de 2001, utilizando o corpus Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB, Rubens Lucena apresentou o quarto trabalho: o comportamento variável da preposição *PARA* na cidade de João Pessoa – PB.

2.1 FENÔMENO

Confirma-se que poucos autores expõem, nos manuais de gramáticas, as variações da preposição *PARA*. A forma não padrão *PRA* consta em número resumido de gramáticas, mas seu uso é comum na língua falada, bem como num crescente número de textos escritos. Já a forma *PA*, considerada a mais estigmatizada, se efetiva com exclusividade na língua falada.

De acordo com Lucena (2001), os autores Faraco & Moura e Bechara são inovadores neste ponto de vista, pois registram a forma não-padrão *pra*, apesar de haverem ignorado a variante não-padrão inovadora *PA*. Como nem todas as diferenças são sinais de mudança, algumas delas decorrem de características próprias da oralidade em oposição àquelas próprias da escrita.

Ainda sobre a preposição PARA, dois processos de supressão acontecem quando são usadas as formas não-padrão *PRA* e *PA*. No primeiro processo verifica-se uma síncope da vogal central /a/, e isso acarreta a queda de uma sílaba. No segundo, a estrutura silábica também sofre modificação, sendo que desta feita, com a supressão da sílaba, o que muda o padrão **consoante/vogal** (CV) para o padrão **consoante/consoante/vogal** (CCV). Veja:



Entre as formas não padrão *PRA* e *PA* ocorre uma síncope da vibrante /r/, transformando a estrutura silábica, ou seja, retorna o padrão silábico sem perda de sílabas, ambas são monossilábicas, acontece, portanto, o padrão mais comum.



3 HISTÓRICO DO ESTUDO LINGUÍSTICO

3.1 ESTUDOS PRÉ-LINGUÍSTICOS E PARALINGUÍSTICOS NA ANTIGUIDADE

A linguagem humana tem sido objeto de estudo desde a antiguidade. Na Índia e na Grécia, encontra-se o estudo do certo e do errado, o Estudo Filosófico e Filológico da Linguagem. A principal preocupação foi a correta compreensão dos antigos textos religiosos dos “Vedas”. Em virtude disso, surgiu o estudo analítico sob o nome “Vyākaraṇa” que, em sânscrito, quer dizer “análise”.

No século IV a.c, a principal obra sobre a linguagem foi a detalhada descrição do sânscrito feita por Pāṇini; composta por quatro mil estrofes ou “Sutras”, onde relatam fenômenos linguísticos do sânscrito. Uma espécie de código simbólico baseado em tradição gramática, sendo explicado pela obra “Mahābhāṣya do autor Patañjali, na metade do século II a.C.

Os dois autores, Patañjali e Pāṇini, determinaram as bases da gramática normativa do sânscrito. A observação aprimorada dos sons do sânscrito e da composição do vocábulo norteou a orientação do certo e do errado, a exemplo do que foi orientado no Prakrits, ou seja, nos dialetos do Médio Hindu falado na Índia Antiga ao lado do Sânscrito, uma língua escrita para religiosos e literários e para uso das classes superiores.

De acordo com Câmara Jr. (1975), o estudo do certo e do errado referente ao prakrits é citado o Vyākaraṇa, ou Análise, do gramático Pali Kaccāyana que viveu depois do século VII da nossa era. A orientação filológica estimulou a composição das “Kosas” que correspondem aos nossos dicionários, conforme o dicionário de “Amaṇa”, para o sânscrito clássico.

Os estudos linguísticos ficaram desconhecidos no Ocidente até fins do século XVIII, e em virtude disso não determinaram nenhuma influência no desenvolvimento do estudo da linguagem antes do aparecimento da linguística propriamente dita no século XIX.

Vem da Grécia antiga a tradição do estudo da linguagem na Europa e a principal abordagem foi através da filosofia. Quase todas as Escolas da Filosofia

Grega abrangem a linguagem como um de seus objetos de investigação. Podemos citar um exemplo da figura de Heráclito que fez de “Logos”, “Palavra”, como expressão do pensamento, o centro da sua filosofia Panteística.

Platão e Aristóteles foram os grandes estudiosos paralinguísticos da Grécia. Diálogo do Crátilo é o principal trabalho de Platão sobre linguagem, onde expõe a linguagem como imposta aos homens por uma necessidade da natureza. Nessa obra, a palavra resulta da justaposição de elementos mais simples e o filósofo deve analisar seu corpo fonético e comparar com outros vocábulos de mesmo aspecto sonoro igual ou parecido.

Para Aristóteles a linguagem surgiu por convenção ou acordo entre os homens. Ele lança os fundamentos da gramática grega, atribuindo à língua uma visão lógica. Criou a primeira distinção das partes do discurso (substantivos, verbos,...), bem como a estrutura da oração (sujeito, predicado...). Casos nominais já foram abordagem dos Estóicos (escola de filósofos gregos). A gramática grega da lógica, baseada no certo e no errado, classifica a fonética em sons da língua e do acento ao lado do vocábulo e da oração. A gramática dos gregos apoiava-se na audição.

Quando a gramática grega começou a sua influência na cultura latina, o latim não era uma língua estável, ou seja, os costumes linguísticos das classes rurais estavam em conflito com a normatização oficial das classes superiores da cidade. Segundo Coutinho (1958, p.29):

A princípio, o que existia era simplesmente o latim. Depois, o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário. Passa então a aprender dois aspectos que, com o correr do tempo, se tornam cada vez mais distintos: o clássico e o vulgar. Não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos da mesma língua. Um surgiu do outro, como a árvore da semente. Essas duas modalidades do latim, a literária e a popular, receberam dos romanos a denominação respectivamente de *sermo urbanus* e *sermo vulgaris*.

À proporção que o estado conquistava mais territórios, crescia a necessidade de uma língua única. A gramática latina tentava manter o latim clássico em face da fala plebéia e da fala provinciana. A abordagem do certo e do errado estava sempre em jogo. Os mais favorecidos passam a usar o então chamado *sermo urbanus*, considerada linguagem culta que mais tarde veio a denominar-se latim clássico que é a modalidade essencialmente escrita e literária do latim desta época com todo o estilo rígido da gramática, resultante da estilização da língua oral da classe culta. Os

menos favorecidos faziam uso do *sermo vulgaris*, que gerou uma nova norma linguística denominada latim vulgar, latim falado pela grande maioria da população romana constituída por soldados, marinheiros, agricultores, entre outros, sempre marcando a diferença existente entre língua escrita e falada. Desta modalidade do latim se originam, por sucessivas transformações, as línguas românicas.

3.2 A LINGUAGEM NA IDADE MÉDIA ATÉ O SÉCULO XIX

Na Idade Média, os modelos para o ensino da gramática latina eram os tratados de Donato e Prisciano, porém a mais completa expressão da gramática latina normativa neste período é a *Doctrinale Puerorum* do francês Alexandre de Villedieu, no século XII, tido como um manual puramente pedagógico.

Neste período, as concepções da Antigüidade continuaram a dominar os estudos acerca da linguagem. Somente no século XVI, surge uma situação mais favorável a um estudo linguístico mais sério. Aparecem os primeiros dicionários políglotas e são recolhidos importantes materiais escritos em diversas línguas. Contudo, o estudo da mudança linguística continua relegado a um plano secundário, e só terá uma importância maior a partir do século XIX, com o surgimento da linguística comparada.

Wilhem Von Humboldt foi um dos lingüistas que fortemente se destacou no início do século XIX, além de R. Rask, J. Grimm e F. Bopp. Estes últimos foram pioneiros nos trabalhos de linguística histórica, cujo método empregado era o de comparação das línguas e que supunha o fenômeno da mudança como degeneração de um estado primitivo e puro da língua.

Ao estudar o ramo germânico das línguas indo-européias, Grimm estabeleceu a sucessão histórica das formas que ele estava comparando com base em dados seqüenciais de catorze séculos.

Os estudos de Grimm apontavam que a sistematicidade das correspondências entre as línguas tinha a ver com o fluxo histórico e com a regularidade dos processos de mudança linguística. (FARACO, 1991, p.86).

O estudioso Wilhelm Von Humboldt diz que a capacidade da linguagem um atributo da mente humana, sendo as línguas passíveis de alteração de acordo com o meio. Para ele, devido ao aspecto mental inato, os falantes poderiam fazer usos infinitos de recursos linguísticos finitos, o que forneceria à linguagem a habilidade criadora e não um caráter acabado.

Se para Humboldt a linguagem está ligada à atividade do pensamento humano e pode ser estudada como um fenômeno histórico, para Schleicher a linguagem era vista como algo natural. Cada língua é produto da ação de um complexo de substâncias naturais no cérebro e no aparelho fonador, ou seja, a língua determina a classificação racial da humanidade.

William Whitney, contrapondo Schleicher, destaca o lado social da linguagem. Segundo ele, a linguagem é uma instituição social, um código de sinais para a comunicação do homem. Enfatiza ainda que o pensamento vem antes da linguagem, sendo esta instrumento do pensamento. Mesmo como grande antagônico a idéia de Max Muller em relação ao caráter natural da língua, concorda que as raízes do indo-europeu são as verdadeiras palavras primitivas.

Os neogramáticos lançaram a hipótese da analogia para explicar as mudanças fonéticas contrárias às leis fônicas firmemente estabelecidas. Os neogramáticos Osthoff e Brugmann defendiam que o objetivo principal do pesquisador são as línguas vivas, deveriam apreender a natureza da mudança, a investigação dos mecanismos da mudança.

Osthoff e Brugmann criticam a concepção naturalista da língua, que a via como possuindo uma existência independente. Para eles, a língua tinha de ser vista ligada ao indivíduo falante. Com isso, introduzia-se uma orientação psicológica subjetivista na interpretação dos fenômenos de mudança (FARACO, 1991, p. 89).

Para Osthoff e Brugmann, o objetivo do pesquisador seria o estudo das línguas vivas e aprender a natureza da mudança. O que lhes interessavam era a investigação dos mecanismos da mudança.

Hermann Paul consolida as posições dos neogramáticos quanto à regularidade das “leis fonéticas”. O estudo descritivo da linguagem ainda não existia, apenas o certo ou errado. Além do desenvolvimento histórico dos sons, formas e orações. Ele dedicou-se ao estudo da mudança de significado das palavras.

Os princípios fundamentais da mudança linguística, segundo ele, estavam em fatores psíquicos e físicos, determinantes dos objetos culturais, entre eles a língua. Ainda defendia:

O fundamento da cultura era o elemento psíquico, que a psicologia era a base de todas as ciências culturais. O psicologismo e subjetivismo radical sustentavam sua afirmação: a fonte de toda a mudança linguística era o falante individual e a propagação da mudança se dava por meio de ação recíproca dos indivíduos (PAUL apud FARACO 1991, p. 7, 22, 41)

Para Faraco (1991, p. 96), muitos lingüistas não aceitaram o caráter categórico das leis fonéticas defendidas pelos neogramáticos, ou seja, uma unidade sonora muda diferentemente de um vocábulo para outro. Foi o lingüista Hugo Schuchardt o mais importante crítico do pensamento neogramático.

Schuchardt vai introduzindo, no decorrer do século XX, um tratamento em que o contexto social e cultural da língua é condicionante básico da variação, dentro dela, da mudança.

3.3 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO SÉCULO XX

3.3.1 A visão Estruturalista

O Estruturalismo surge no século XX, sendo uma corrente linguística que teve sua base estabelecida pelo suíço Ferdinand Saussure. A publicação da obra póstuma de Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, em 1916, dá início ao estruturalismo na Europa. Essa obra plantou discussões que levaram a Linguística a ser vista como ciência. Vieram à tona questionamentos sobre a distinção entre língua X fala; forma X substância; a noção de pertinência; as noções de significante, significado e signo.

De acordo com Ilari (2009), Saussure, no CLG, vai definir a língua como objeto de estudo e diferenciar a língua da fala.

A língua é o produto social da faculdade da linguagem, e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social, para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à

mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe.

Já a definição de forma x substância de Saussure foi ampliada pelo lingüista dinamarquês, Luis Hjelmslev, que considera também a expressão e o conteúdo. Assim, Hjelmslev chamou de *forma* tudo aquilo que uma determinada língua instituiu como unidades através da oposição; à forma ele opôs uma *substância*, definida como o suporte físico da forma, que tem existência perceptiva, mas não necessariamente linguística (...) Hjelmslev considerou uma outra distinção, a que estabelece entre *expressão* e *conteúdo*; cruzando essas duas distinções (expressão X conteúdo X forma X substância), chegou a um mapa onde é possível delimitar com muita clareza a definição de língua com que trabalharam os estruturalistas. (ILARI, 2009, p.57).

Segundo Ilari (2009), ao pensar o signo linguístico como a união de um significante a um significado, o importante não é a aplicação de signo aos objetos do mundo, mas a maneira como a língua contrasta um signo com todos os demais, ou seja, um signo só existe em oposição a outro:

Dessa forma, temos o conceito saussureano de valor linguístico, em que a relação entre significante e significado deve ser considerada com base no sistema linguístico em que o signo se realiza, fora da realidade pragmática da língua. A linguística, então, é considerada imanente no sentido em que minimiza a relação língua / mundo.

Em Câmara Jr. (1975), a língua para Saussure é um sistema de relações. Separa de um lado o que ele chamou de “significante” e de outro, “significado”. Para ele, essa relação era arbitrária, ou seja, não determinada pela natureza dos conceitos, qualquer significante se relaciona com qualquer significado. Uma visão muito importante do Saussure para o desenvolvimento da análise linguística foi sua interpretação da língua como um sistema organizado.

A linguagem como sistema de formas linguísticas antagônicas choca-se com a realidade da fala, pois são verificadas variações e inconsistências de falante para falante. Saussure estabeleceu a descrição científica da língua de linguística sincrônica e de Diacrônica o estudo da mudança linguística. Para ele, o estudo descritivo e o estudo da mudança são distintos em seus objetivos e métodos.

Os estruturalistas descartaram os estudos diacrônicos, preocupando-se apenas com os estudos sincrônicos, ou seja, observaram a língua em um determinado momento apenas, não interessava o estudo da evolução das línguas, a forma como elas chegaram ou aonde chegariam.

Diferentemente de Saussure, os lingüistas de Praga entendiam que as mudanças linguísticas deveriam ser analisadas observando o sistema afetado por elas. Assim, entendiam que um estudo diacrônico que desprezasse o estudo sincrônico da língua seria um estudo incompleto. Foi também a partir do Círculo de Praga que se estabeleceu, com mais definição, a diferença entre fonética e fonologia.

Nikolai Troubetzkoy e Roman Jakobson, dentre outros, propuseram a divisão do estudo dos sons: a fonética, que a partir de então seria a ciência dos sons da fala, e a fonologia, que ficaria sendo a ciência que estuda os sons de uma determinada língua. A separação entre fonética e fonologia foi um importante e decisivo passo no sentido de um estudo mais consistente da mudança e da variação linguística. (ILARI, 2009, p.75)

A fala, ao contrário da língua, para Saussure é algo puramente individual. "São as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal..." É a maneira individual e particular que cada ser faz do uso da língua predominante em uma sociedade. Por isso, podemos explicar, por exemplo, os sotaques regionais, as gírias, e a forma considerada, às vezes, errada, que cada indivíduo tem de usar a língua.

A linguística, partindo desse conceito de língua e fala, não pode, então, considerar que alguns "falam corretamente" e outros "falam erradamente". O conceito de certo e errado deixa de existir por ser a língua, a mesma para todos os indivíduos de uma sociedade, e algo já impresso na mente (conceitos e imagens acústicas) de todos os seres de um determinado tempo e espaço. Do ponto de vista científico, tudo o que consideramos "erro" ao "falar errado" é, na verdade, algum fenômeno ou acontecimento que pode e deve ser analisado por estudos linguísticos.

3.3.2 A Visão Gerativista

Com o Gerativismo, as línguas são compreendidas como uma faculdade mental natural e deixam de ser compreendidas como um comportamento socialmente condicionado. A função do gerativismo em relação à linguística é estabelecer um modelo teórico com a capacidade de descrever e explicar a natureza e o funcionamento dessa ação.

O objeto de estudo da linguística gerativa é duplo, envolve tanto a faculdade de linguagem, quanto a gramática específica das línguas. Os indivíduos criam frases novas e inéditas. Os falantes são criativos, ou seja, a criatividade é o principal aspecto caracterizador do comportamento linguístico humano.

Chomsky estabeleceu dois tipos de gramáticas dentro do gerativismo. Uma delas é a Gramática Universal (GU) que está presente em todas as línguas e remete-se ao estado zero da mente e é comum a qualquer pessoa. As propriedades semântica, sintática e fonológica são integrantes da gramática universal. A outra é a Gramática Particular (GP) que se utiliza da gramática universal e também das características próprias de cada língua. (NETO, 2004, p. 23)

Segundo Kenedy (2008), a linguística gerativa propõe analisar a linguagem humana de uma forma matemática e abstrata, aproximando-se da linha interdisciplinar de estudos da mente humana conhecida como ciências cognitivas. O Gerativismo traz a concepção racionalista de fazer ciência e isso marcou uma ruptura com a forma de pensar a linguística, isto é, de forma homogênea, nos centros universitários norte-americanos, vista como, descritiva, comprometida, portanto, com a concepção mais empiricista de fazer ciência.

A pesquisa gerativista busca a competência linguística dos falantes que é o conhecimento inconsciente e intuitivo que tem o falante sobre sua língua. O funcionamento da mente permite a geração das estruturas linguísticas nos dados de qualquer corpus de fala, não lhe importam os dados em si ou em relação a fatores linguísticos.

Saussure e Chomsky ignoram a situação real de uso. Assim como Saussure não se interessa pela fala, Chomsky não tem a performance como objeto de estudo, trata apenas do abstrato e virtual (a língua e a competência). O indivíduo é isolado de seu contexto social, portanto não são reconhecidas as condições de realização dos enunciados.

Segundo Hora (1991), Chomsky adota idéias estruturalistas à medida que estabelece a dicotomia “competence” e “performance” como objeto de estudo. A “competence” corresponde um conhecimento abstrato das regras da língua e a performance seleciona e executa as regras, o que nos leva à distinção de Saussure de “langue” e “parole”.

Portanto o Estruturalismo e o Gerativismo adotaram a língua/a competência como sistema de signos hierarquizados, desconsiderando os aspectos da variação que é a essência da sociolinguística variacionista.

3.3.3 A Visão Sociolinguística

Em 1964, a Sociolinguística se constitui e floresce quando o formalismo chomskyano está em momento de extremo prestígio. Ela nasce endossada pelos pesquisadores que buscavam juntar a linguagem aos aspectos sociais e culturais. Entende-se por sociolinguística o estudo das correlações sistemáticas entre formas linguísticas variantes (isto é, entre diferentes formas de dizer a mesma coisa) e determinados fatores sociais, tais como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes (FARACO, 1991, p. 115).

De acordo com Mollica (2003), a Sociolinguística estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, ou seja, a língua em seu uso real. Esta ciência se verifica na fronteira entre língua e sociedade. Compreende a língua como uma instituição social, a linguagem e a sociedade estão ligadas de modo incontestável. Um dos seus objetivos é compreender os fatores determinantes que promovem a variação linguística, bem como a importância de cada um deles na efetivação do surgimento da variável.

O ápice dessa investigação foi atingido por Hermann Paul (1880), que desenvolveu a idéia de que a língua do falante-ouvinte individual encerra a natureza estruturada da língua, a coerência do desempenho falado e a regularidade da mudança. Isolando a língua do indivíduo do uso linguístico do grupo, Paul desenvolveu uma dicotomia, que foi adotada por gerações de lingüistas posteriores e que subjaz como tentaremos mostrar, na base dos paradoxos do século XX acerca da mudança linguística (WLH, 2006, p. 39 apud HORA, 2004).

Na verdade, o objetivo da sociolinguística é sistematizar a variação inerente nas línguas naturais, assumindo o “caos” linguístico e procurando compreender a variação existente na linguagem. De fato, a sociolinguística considera que o sistema da língua não é homogêneo, e sim heterogêneo e dinâmico, isto é, está sempre mudando e é possível observar esta mudança em curso (LUCENA, 2001).

Os fatores sociais, culturais e psíquicos que interagem na linguagem são essenciais para a linguística, pois o homem não só adquire a linguagem como a utiliza dentro de uma comunidade de fala.

Assim, os processos de mudanças contemporâneas que ocorrem na comunidade de fala são primordiais na Sociolinguística. Comunidade de fala para esse modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente iguais, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. (LABOV, 1972).

O objeto de estudo da sociolinguística está na língua falada em situações espontâneas, pois a preocupação do falante é o que fala e não como é falado. Caos linguístico não existe, análise e sistematização são possíveis de serem processados. Há sim, um sistema (uma organização) por trás da heterogeneidade da língua falada.

Labov (1972) considera impossível a compreensão de uma mudança linguística fora da vida social da comunidade em que ela se produz, pois pressões sociais acontecem sempre sobre a língua.

Ainda, Labov propôs também o termo *variável linguística*. As variáveis linguísticas são elementos que possuem diferentes realizações. No caso em estudo, a variável <PARA> possui três variantes distintas: [para], [pra] e [pa]. A atuação destas variáveis pode ser medida através da análise de dados empíricos e, por operar com números e tratamento estatísticos dos dados, este modelo também é denominada sociolinguística quantitativa.

Tarallo (2007) chama-nos atenção para uma “outra” Sociolinguística que ele chama de Quantitativa. Segundo ele, também é inaugurada por Labov em 1963 em

seu clássico estudo sobre a centralização de ditongos em *Martha's Vineyard, na ilha de Massachusetts*.

A teoria sociolinguística quantitativa aparece com o objetivo de descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos e seu uso variável, ao tempo que renega a concepção de língua homogênea, estática, uniforme e sem comunidade de fala que a corrente estruturalista e a gerativa apresentavam.

Segundo Hora (2004), os variacionistas propunham um modelo de língua que acomodasse os fatos de uso variável com determinantes sociais e estilísticos, pois produziria uma teoria de mudança da língua sem paradoxos, levando a descrição mais adequada da competência linguística.

Uma teoria da mudança deve, pois, conceber a língua – de ponto de vista diacrônico e/ou sincrônico – como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática (WLH Apud HORA, 2004).

Weinreich, Labov e Herzog (1968) estabeleceram cinco grandes dimensões para analisar os fenômenos de mudança linguística (mais do que a variação).

- 1- Os fatores universais limitadores da mudança (e variação), que podem ser sociais ou linguísticos;
- 2- O encaixamento das mudanças no sistema linguístico e social da comunidade;
- 3- A avaliação das mudanças em termos dos possíveis efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a eficiência comunicativa;
- 4- A transição, no momento em que há mudanças intermediárias;
- 5- A implementação da mudança: estudo dos fatores responsáveis pela implementação de uma determinada mudança; explicação para o fato de a mudança ocorrer numa língua e não em outras, ou na mesma língua em outros momentos.

Para Naro (2003), a sistematicidade da linguagem é notada pela variação. As variantes – entendidas como modos diferentes de dizer a mesma coisa – são concebidas como estando em competição na língua, culminando com o favorecimento de uma ou de outra em virtude dos fatores linguísticos e não - linguísticos (contexto linguístico, classe social, sexo, faixa etária, etc).

Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas:

1. Variações Diatópicas = Diferenças no espaço geográfico (falares locais variantes regionais, e, até, intercontinentais);
2. Variações Diastráticas = Diferenças entre as camadas socioculturais (nível culto, língua padrão, nível popular, etc);
3. Variações Diafásicas = Diferenças entre os tipos de modalidade expressiva (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc).

É salutar reafirmar que a heterogeneidade linguística não é aleatória, pois obedece a um conjunto de regras, uma vez que existem condições mutáveis que levam o falante a fazer uso de uma determinada variante ou de outra, ou seja, favorecimento ou desfavorecimento de acordo com o contexto.

3.3.3.1 Variação e Mudança

Variação e mudança não são vistas separadamente pela Sociolinguística, mas partes integrantes de um sistema heterogêneo, em que um aparente caos resultante da variação é altamente sistematizável.

As formas linguísticas que se rivalizam são chamadas de variantes. Podem permanecer estáveis nos sistemas por um período curto ou até por séculos, ou podem sofrer mudanças quando uma das formas desaparece.

Ao estudarmos a variação, levamos em conta que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais, e esses apresentam-se sistemáticos e estatisticamente previsíveis, o que os tornam passíveis de análises e descrições científicas. Assim, não há probabilidade de relacionar a aleatoriedade aos usos de formas linguísticas.

Labov (1994) conseguiu provar que a mudança é observável na sincronia pela avaliação da heterogeneidade linguística dos grupos sociais, embora os fatores sociais não causem propriamente a mudança linguística, eles determinam a sua expansão. “Para a obtenção da mudança em curso, deve-se separar a variação decorrente de fatores sociais da variação resultante de fatores internos”. (LABOV, 1994, p. 69)

A Sociolinguística diagnostica as variantes que contextualizam uma variável, descreve-se o seu comportamento anterior e investiga o grau de mutabilidade ou estabilidade de uma variação.

3.3.3.1.1 Variação Estável e Mudança em Curso

As variáveis sociais são o caminho para explicar o quadro de variação observado na comunidade de fala nos termos da dicotomia entre variação estável e mudança em progresso. No primeiro caso, o quadro de variação se mantém ainda por um longo período, já que não se verifica uma tendência de predominância de uma variante linguística sobre a(s) outra(s). Já no segundo, o processo de variação caminha em favor de uma das variantes identificadas, que deve se generalizar, tornando-se o seu uso praticamente categórico dentro da comunidade de fala. Nesse quadro, a(s) outra(s) variante(s) tenderia(m) a desaparecer.

Comunidade de fala não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. E nelas constarão sempre formas linguísticas em variação, ou formas que estão em coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e/ou em concorrência (quando duas formas concorrem). Daí ser a Sociolinguística Variacionista, também, denominada de *Teoria da Variação*.

3.3.3.1.2 Teoria da Variação

A língua, por muito tempo, foi compreendida como um sistema homogêneo e conseqüentemente sua variação ignorada, pois havia a concepção modelada a uma forma padrão.

Somente na década de 80, Labov defendeu o aspecto linguístico como mais importante que o social, quer dizer, a variação existe dentro do sistema linguístico, sendo de forma sistemática, regular e ordenada.

Para realizar uma pesquisa sociolinguística dentro da teoria variacionista é determinante:

- 1- um cuidadoso registro de falas;
- 2- descrição de variantes;
- 3- perfil das variantes, (a mesma expressão ou vernáculo dito de forma diferente);
- 4- análise dos elementos estruturais e sociais condicionantes;
- 5- encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade;
- 6- avaliação da variável para a confirmação dos casos de variação ou mudança.

A metodologia adotada pelos sociolinguistas para afirmar se uma forma está ou não favorecida em detrimento de uma mais antiga é analisar o tempo real (diacrônico – tempo cronológico) ou o tempo aparente (sincrônico – recorte transversal da comunidade de falantes, ou seja, verificadas as faixas etárias).

No tempo real, a análise diacrônica é fundamental para explicitar o estágio de coexistência ou não das variantes em determinada comunidade falante. Já o tempo aparente mostra as variantes em seu momento, ou seja, no presente em que estão sendo observadas.

Validade do [tempo aparente] depende crucialmente da hipótese de que a fala das pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala das pessoas de 20 anos há 20 anos atrás e pode, portanto, ser comparada com a fala das pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa da difusão da mudança linguística. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos. (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 165 apud HORA, 2004)).

Nem sempre a variabilidade existente na língua se expande e produz mudanças, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade (WEINREICH, LABOV, HERZOG , 1968).

A teoria da variação adota uma metodologia que é elementar. Ela é composta de vários estágios:

- (i) identificação das variáveis linguísticas e suas variantes;
- (ii) seleção de informantes (comunidade de fala);
- (iii) processamento dos números;
- (iv) interpretação dos resultados, analisando os possíveis fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre outra.

O pesquisador de um trabalho variacionista deve definir o fenômeno linguístico de uma variável dependente. Realizada essa primeira etapa, o pesquisador está apto a iniciar a segunda etapa da pesquisa, e, portanto, evidenciará as características internas (variáveis independentes linguísticas) e externas (variáveis independentes sociais) ao sistema linguístico que podem, por hipótese, estar influenciando a variável dependente, e para isso os dados da língua, a teoria linguística e estrutura social da comunidade de fala escolhida serão os norteadores.

Outro elemento fundamental para o trabalho de um estudo de língua falada, os dados devem ser coletados em situações naturais de comunicação, buscando eliminar ou minimizar a interferência do pesquisador na naturalidade da conversação.

Na busca da seleção de informantes, formuladas algumas hipóteses e testadas com exatidão, realiza-se um recorte preciso da comunidade em estudo. Se prevista a hipótese que mulheres utilizam a forma padrão com mais frequência do que homens, tem que selecionar mulheres com diferentes níveis de instrução e de faixa etárias distintas. Do contrário, outros fatores (e não o fato de serem mulheres) influenciarão o resultado.

A comunidade de fala é composta por aqueles que nasceram e nunca dela se afastaram para residir em outra localidade, pois, somente assim, não ficaram expostos a influências que poderiam mascarar características sociais e atitudes

sobre determinados aspectos linguísticos, que os caracterizam em termo de uma comunidade.

Diante da certeza dos falantes e de sua comunidade, a pesquisa variacionista precisa estar muito bem planejada, a fim de evitar maiores surpresas, pois situações inesperadas costumam acontecer e a preparação anterior evita um excesso de problemas.

Por se tratar de uma pesquisa quantitativa, a metodologia variacionista se utiliza de um modelo estatístico que permite análise probabilística, capaz de associar pesos relativos ou probabilidades aos diversos fatores de cada variável independente, podendo pegar o exemplo do estudo da preposição PARA e suas variáveis PRA e PA, assunto pesquisado e analisado neste trabalho.

De posse dos dados e observados os números, é preciso medir a influência de cada fator sobre cada variante em estudo, para que seja eficiente a interpretação linguística. O resultado estatístico apenas auxilia a entender o comportamento de fenômenos linguísticos.

4 METODOLOGIA

4.1 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

Este corpus consiste em 36 entrevistas com informantes residentes na cidade de Araguatins-TO. A coleta de dados aconteceu no período de outubro de 2008 a abril de 2009. Cada entrevista teve uma média de uma (1) hora de gravação, verificadas em situações naturais de interação social, e foram realizadas com base em questões voltadas para os interesses de cada informante, bem como diálogos e narrativas sobre experiências pessoais ou de trabalho, nas quais se observou a fala habitual do informante.

Os informantes foram selecionados de forma aleatória e obedeceram aos seguintes critérios: i) ser natural ou morar na cidade de Araguatins desde os dois anos de idade; ii) nunca ter passado mais de dois anos consecutivos fora da cidade. Por se tratar de uma cidade interiorana, havendo poucos bairros, os informantes foram escolhidos levando em consideração uma maior distância de suas moradias, e no total foram aplicados 100 formulários. A partir da lista nominal dos informantes selecionados pelos formulários, foram escolhidos 36 para a amostragem final. O corpus está estratificado por sexo, faixa etária e nível de escolarização.

Desses 36 informantes do corpus da cidade de Araguatins-TO, foram classificados dezoito (18) informantes homens e dezoito (18) informantes mulheres. Dividido em grupos de seis (6), os informantes tinham entre 15 a 25 – entre 26 a 49 anos; e acima de 49 anos. Quanto à escolarização, estabelecido o mesmo número nos grupos, o grau dos informantes variou de analfabetos até 5 anos de escolaridade; 6 a 9 anos de escolaridade; e informantes de 10 ou mais anos de escolaridade. O quadro abaixo ilustra as descrições acima:

QUADRO 1: CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

INFORMANTES	IDADE	ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO	SEXO
JLM	15-25 anos	Até 5 anos	Masculino
JSG	15-25 anos	Até 5 anos	Masculino
LAO	15-25 anos	6 a 9 anos	Masculino
GSS	15-25 anos	6 a 9 anos	Masculino
AMD	15-25 anos	Mais de 10	Masculino
FSP	15-25 anos	Mais de 10	Masculino
MAF	26-49 anos	Até 5 anos	Masculino
HFM	26-49 anos	Até 5 anos	Masculino
DPS	26-49 anos	6 a 9 anos	Masculino
EPF	26-49 anos	6 a 9 anos	Masculino
ECO	26-49 anos	Mais de 10	Masculino
HLCH	26-49 anos	Mais de 10	Masculino
MCS	Mais de 49 anos	Até 5 anos	Masculino
APD	Mais de 49 anos	Até 5 anos	Masculino
DTS	Mais de 49 anos	6 a 9 anos	Masculino
DCS	Mais de 49 anos	6 a 9 anos	Masculino
NFG	Mais de 49 anos	Mais de 10	Masculino
AMF	Mais de 49 anos	Mais de 10	Masculino
ML	15-25 anos	Até 5 anos	Feminino
ASM	15-25 anos	Até 5 anos	Feminino
MSS	15-25 anos	6 a 9 anos	Feminino
RCVS	15-25 anos	6 a 9 anos	Feminino
LMD	15-25 anos	Mais de 10	Feminino
VSA	15-25 anos	Mais de 10	Feminino
JTS	26-49 anos	Até 5 anos	Feminino
MDCS	26-49 anos	Até 5 anos	Feminino
RMP	26-49 anos	6 a 9 anos	Feminino
AFS	26-49 anos	6 a 9 anos	Feminino
IAB	26-49 anos	Mais de 10	Feminino
AHS	26-49 anos	Mais de 10	Feminino
JPM	Mais de 49 anos	Até 5 anos	Feminino

BMC	Mais de 49 anos	Até 5 anos	Feminino
MAR	Mais de 49 anos	6 a 9 anos	Feminino
VPS	Mais de 49 anos	6 a 9 anos	Feminino
MJPS	Mais de 49 anos	Mais de 10	Feminino
RLO	Mais de 49 anos	Mais de 10	Feminino

4.2 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE ARAGUATINS

Mapa nº 1: Região do Bico do Papagaio



Fonte: SEPLAN (2009).

Cidade centenária e famosa pelos muitos conflitos agrários e em especial pela Guerrilha do Araguaia, Araguatins é uma das 26 cidades que compõem a região denominada Bico do Papagaio, localizada no extremo norte do estado do Tocantins.

A implantação de grandes rodovias como BR 153 (Belém-Brasília, construída em 1958), PA 070 (ligando Marabá-PA a Belém-Brasília), PA-150 (ligando Belém-PA

ao sul e sudeste do Pará) e a BR 230 mais conhecida como Transamazônica (construída na década de 70), facilitaram o acesso à região e vieram fluxos migratórios de diversas regiões, destaque para a migração de nordestinos para a região em busca das riquezas da Amazônia.

Por ter uma quantidade perto de 30 mil habitantes, Araguatins é uma das três cidades do Tocantins que formam a base de dados do Projeto de Variação Linguística no Estado do Tocantins – Projeto VALTINS, pesquisa com o propósito de apresentar a realidade linguística da comunidade do mais novo estado brasileiro, que é o Tocantins.

O VALTINS tem como objetivos traçar o perfil linguístico, sob o aspecto fonético, fonológico e gramatical dos falantes da comunidade, observando fatores que interferem no uso da língua, subsidiar o ensino da Língua Portuguesa em todos os níveis, além de estabelecer comparações em nível regional e nacional observando as divergências e as semelhanças dialetais.

Com início em 2008, o VALTINS foi oficializado pela parceria da Universidade Federal da Paraíba e Escola Técnica Federal de Palmas, hoje, campus do Instituto Federal do Tocantins. As cidades pólos foram escolhidas em virtude da importância histórica e geográfica, pois com isso tem-se uma cidade do norte, central e sul do Tocantins, ou seja, todas as regiões do estado.

Para a construção do corpus, utilizou-se a metodologia sociolinguística variacionista, utilizando a técnica de amostra aleatória em três cidades – Araguatins, Miracema do Tocantins e Paranã, num total de 108 informantes, 36 por cada cidade, tendo como requisito ser natural da cidade e nunca ter se ausentado por mais de 2 anos consecutivos. A amostragem que constituirá o VALTINS terá a mesma definição usada pelo corpus de Araguatins, foco de pesquisa deste trabalho.

4.3 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS

4.3.1 Variável Dependente

Segundo Tarallo (2007, 8), a variável dependente diz respeito ao conjunto de variantes que correspondem a formas distintas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. No caso da variação da preposição *PARA*, existem três formas distintas com o mesmo valor de verdade:

“para” – Contribuiu para que nós...

“pra” – È legal demais pra mim...

“pa” – Encaminhá pa Augustinópolis ...

Trata-se de um vocábulo dissílabo átono, tendo como forma padrão a variante *PARA* (*consoante/vogal/consoante/vogal*). Ao sofrer a variação, torna-se *PRA* (*consoante/consoante/vogal*), resultando na forma não-padrão. Essa, por sua vez, está cada vez mais sujeita a uma simplificação, com a supressão da vibrante, resultando na forma inovadora *PA* (*consoante/vogal*), própria da fala e forma mais estigmatizada.

4.3.2 Variáveis Independentes

As variáveis independentes são os contextos, ou grupos de fatores, que norteiam a ocorrência da variável dependente. Partiu-se do pressuposto de que fatores internos (linguísticos) e fatores externos (sociais) atuam como condicionadores do fenômeno da variação da preposição. Tem-se as seguintes variáveis:

4.3.2.1 Variáveis Linguísticas

As variáveis linguísticas são de natureza estrutural da língua. Podem ser de natureza morfológica, sintática, fonético-fonológica e semântica. Para o estudo da variação da preposição *PARA*, foram definidas três variáveis linguísticas:

- a) Contexto fonológico seguinte;
- b) Presença de vibrante no item seguinte;
- c) Paralelismo formal

4.3.2.1.1 Contexto fonológico seguinte

Esta variável se refere ao elemento sonoro que aparece logo após a preposição *PARA* ou suas variáveis. Esse fator foi controlado por ter-se mostrado relevante em diversos fenômenos fonológicos semelhantes do português do Brasil e do português europeu. O estudo desta variável objetivou buscar evidências de que a variação no uso da preposição está relacionada com a aproximação de traços comuns. Seguem exemplos retirados do corpus, levando em consideração a classificação das vogais e das consoantes do contexto fonológico seguinte, bem como a presença em contextos distintos, ou seja, se a presença da variante ocorreu antes, depois ou entre pausa :

1. Labial (**/p/, /b/, /m/, /f/, /v/**): “ É legal demais pra mim (JLM)
2. Coronal: (**/t/, /d/, /n/, /r/, /l/, /s/, /z/, /j/, /ɲ/, /ʎ/, /ʃ/, /x/**): “ Tava pa chamar a polícia ” (JLM)
3. Dorsal (**/k/, /g/, /x/**): “ Trabalhando pa conseguir ” (JSB)
4. Vogais Anteriores (**/e/, /é/, /i/**): “ Ia pa escola assim ” (JSB)
5. Vogal central (**/a/**): “ estar velho pa arranjar ” (JRM)

6. Vogais posteriores (*/ol, lól, lul/*): “voltar pra onde tava” (IMS)

7. Pausa (antes, depois ou entre pausas) :

Antes de Pausa: “Indicação PA ... trabalhar” (LAO)

Depois de Pausa: “*Dela é esse ... PRA ela é só isso*” (LAO)

Entre Pausa: “Pede ... pra ... é mais cobrado (JSG)

4.3.2.1.2 Paralelismo formal

O Paralelismo Formal é a tendência de as variantes serem influenciadas pela forma precedente de mesma natureza. Deste modo, de acordo com a hipótese prevista, a forma *PA* seria favorecida quando precedida por ela mesma. O mesmo aconteceria com *PARA* e *PRA*, ou seja, a primeira ocorrência sempre influenciaria as ocorrências seguintes das variantes. Essa variável foi controlada da seguinte maneira:

a. Ocorrência isolada:

“*Sofri um pouco, mas, graças a Deus, deu pra superar isso.*” (FPMF)

b. Primeira ocorrência da série:

“Não foi um bom pai pra nós, não foi um bom marido pra ela!” (LAO)

c. Ocorrência antecedida de pra

“*Voltei pra lá, voltei pra Araguatins.*” (AMD)

d. Ocorrência antecedida de pa:

“É PA fechar o amarrador, PA não pescar” (MAF)

4.3.2.1.3 Presença de vibrante no item seguinte

Quanto à quarta variável, diz respeito à presença ou à ausência de consoante vibrante no vocábulo imediatamente posterior à preposição. De acordo com a hipótese lançada neste trabalho, se a palavra seguinte apresenta uma consoante vibrante, haveria uma maior probabilidade de uso da variante *PA*. Caso a palavra não apresente uma vibrante, haveria uma tendência de se empregar *PARA* ou *PRA*. A fim de analisar essa hipótese, verificou-se

a. Presença de vibrante na primeira sílaba:

“ Ele puxa energia PA praia” (LAO)

b. Presença de vibrante na segunda sílaba:

“ Ele pede PA entregar outro dia, ele releva... ” (LAO)

c. Ausência de vibrante no item seguinte:

“ Dinheiro pa tomar cerveja.” (AMF)

4.3.2.2 Variáveis Extralinguísticas

Os fatores extralinguísticos exercem influência considerável que já foi, notoriamente, comprovada em diversos estudos fonológicos nas mais diversas línguas do mundo:

Tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável poderá ser relevante para a elucidação de algum fenômeno linguístico. A formalidade ou a informalidade do discurso, o nível sócio-econômico do falante, sua escolaridade, a faixa etária e o sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores. (TARALLO, 2007, p. 46).

Neste trabalho, constata-se três variáveis: sexo, anos de escolarização e faixa etária.

4.3.2.2.1 Sexo

Estudos confirmam a tendência do sexo feminino a usar a forma padrão com mais frequência do que o sexo masculino e, ainda, que o papel da variável sexo na relação entre variação e mudança é bem significativo. A literatura (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980; LABOV, 1972 apud PAIVA, p.40) documentam a variável sexo como um dos fatores condicionantes da heterogeneidade linguística, indicando que homens e mulheres possuem, de fato, comportamento linguístico distinto.

A variável sexo foi controlada com o intuito de averiguar o desempenho linguístico de homens e mulheres e comprovar a hipótese de que a mulher utiliza a variante padrão com maior frequência.

4.3.2.2.2 Faixa etária

O estudo da faixa etária em relação à língua pode fornecer subsídios para o entendimento do processo de variação em uma comunidade linguística. Segundo Tarallo (2007, p. 65), a sua correlação com as variantes pode apontar para duas direções: a estabilidade das variantes, caso não haja qualquer tipo de correlação entre a variante e a faixa etária dos informantes, ou a mudança em progresso, caso o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes.

Os estudos sociolinguísticos apontam que, em geral, os jovens tendem ao emprego de formas não-padrão e os mais velhos favorecem a forma padrão. Para comprovar esta hipótese em relação ao uso variável da preposição *PARA*, os informantes foram divididos em três faixas de idade, conforme o recorte abaixo:

Primeira faixa etária: **entre 15 e 25 anos.**

Segunda faixa etária: **entre 26 e 49 anos.**

Terceira faixa etária: **mais de 49 anos.**

4.3.2.2.3 Anos de escolarização

Segundo Votre (2003, p.51), o dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas. Constatase que ela atua como preservadora de formas de prestígio, por isso o nível de escolarização do informante tem-se revelado um fator decisivo no que se refere ao uso de formas linguísticas. O falante que possui grau universitário tem uma forte tendência ao uso mais padrão, determinado pela gramática, do que falantes com um grau de escolaridade baixo ou mediano.

4.4 MÉTODOS DE ANÁLISE

O programa estatístico empregado neste trabalho como suporte para a análise quantitativa dos dados foi o *GOLDVARB 2001* (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). O *Goldvarb* é uma aplicação para análise multivariacional baseada no programa previamente circulado - *Goldvarb 2.0* (RAND; SANKOFF, 1990). A análise quantitativa realizada pelo programa é feita a partir da codificação de cada ocorrência da variável linguística analisada (dependente) com base nos valores atribuídos aos fatores linguísticos e sociais (variáveis independentes).

Desse modo, a análise quantitativa permite ao pesquisador obter a seleção, em valores estatísticos, das variáveis independentes mais relevantes na produção do fenômeno analisado, as frequências de uso e o peso relativo correlacionados a cada um dos valores das variáveis independentes e o nível de significância dos resultados obtidos.

Em uma rodada binária, os resultados numéricos devem ser lidos da seguinte maneira: PR (pesos relativos) acima de 0.50 apontam para um favorecimento; já PR abaixo de 0.50 apontam para um desfavorecimento de uma variável.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

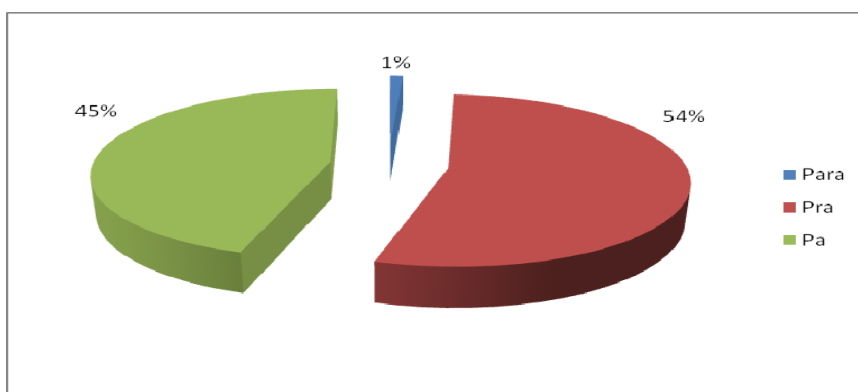
Somada à informação de qual variante da preposição PARA foi mais utilizada em Araguatins, ventilam-se quais variáveis foram mais significativas para o processo de variação.

Os resultados serão apresentados levando em conta a totalidade dos informantes e para uma melhor organização do trabalho foram analisados, a princípio, os fatores favoráveis ao uso da variável dependente predominante e, posteriormente, aqueles que a desfavoreceram.

Em virtude do programa GOLDVARB não aceitar rodada ternária dos dados, não foi possível realizar uma rodada com todas as variáveis (*para*, *pra* e *pa*). Como a variável *para* é a mais prestigiada e considerada a forma mais padrão, buscou-se uma rodada binária com *para* x *pra* e depois com *para* x *pa*. Nas duas tentativas, a variável *para* apresentou um número inexpressivo de 35 ocorrências em um universo de 3.210, o que representa 1% do total de variáveis aplicadas.

Diante da inexpressividade da variante em questão, antecipam-se algumas observações a respeito do comportamento das variáveis da preposição *para*. Nestas ocorrências, 35 da variante *para*, 1.852 da variante *pra* e 1.323 da variante *pa*. Em números percentuais, temos o seguinte gráfico:

Gráfico 1: Percentual de ocorrência das variantes *para*, *pra* e *pa*



FONTE: Pesquisa de Campo, 2009

Pode-se observar, a partir do gráfico 1, que o percentual do número de ocorrências da variante *para* é insignificante, enquanto que a variante *pra* está

razoavelmente favorecida em relação à variante *pa*. Mesmo havendo possibilidade de números percentuais levarem a erros de análise neste tipo de modelo teórico-metodológico, pode-se afirmar que no português falado em Araguatins-TO, constata-se uma maior probabilidade de uso das variantes *pra* e *pa* em detrimento da variante *para*, possivelmente mais utilizada na língua escrita.

Diante do quadro, levou-se em conta a variante *pra* como referência, uma vez que os números a colocam num patamar de preferência de uso na língua falada do nativo da cidade de Araguatins em relação às outras. Acionamos uma nova rodada binária com as variantes *pra* x *pa*. Nessa rodada, o GOLDVARB indicou como influentes para o comportamento variável da preposição *pra*, tida neste trabalho como a referência “padrão”, os seguintes fatores, listados por ordem de relevância:

5.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS FAVORÁVEIS

- (i) contexto fonológico seguinte;
- (ii) anos de escolarização;
- (iii) faixa etária
- (iv) sexo

5.1.1 Contexto Fonológico Seguinte

O programa computacional apontou o contexto fonológico seguinte como a variável linguística mais relevante para a variação de *pra*. A importância deste grupo de fator em fenômenos fonológicos já foi demonstrada em diversos trabalhos relativos ao português do Brasil e ao português europeu.

Como se pode observar pela tabela a seguir, os contextos que mais favorecem a variante *pra* são as dorsais (0.53), as vogais anteriores (0.60) e as

vogais posteriores (0.66). Em oposição, a vogal central (0.34) se mostrou como um contexto que mais favorece a ocorrência da variante *pa*, enquanto que as labiais (0.47), coronais (0.46), apesar de circular num ponto próximo do neutro, também desfavorecem mais a variante *pra*.

Na análise desta variável, foram consideradas as alterações da velocidade da fala na variação da preposição *PARA*, especialmente em relação a pausas. A ocorrência de pausas seria um fator inibidor dos processos de supressão da preposição, uma vez que implicam uma diminuição da velocidade da fala. Este fator também já se mostrou relevante em outros trabalhos fonológicos relacionados ao português do Brasil.

Os resultados totais deste grupo de fator se configuraram conforme tabela:

TABELA 1: Contexto Fonológico Seguinte: Efeito da variável PRA no corpus de Araguatins- TO

Grupo	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Vogal posterior	52/71	73	0.66
Vogal anterior	356/509	69	0.60
dorsal	306/499	61	0.53
Pausa	77/128	60	0.49
labial	566/1010	56	0.47
coronal	408/756	54	0.46
Vogal central	87/202	43	0.34

FONTE: Pesquisa de Campo.

TABELA 2: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins- TO

Grupo	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Vogal central	115/202	56	0.66
Coronal	348/756	46	0.54
Labial	444/1010	44	0.53
Pausa	51/128	39	0.51
Dorsal	193/499	38	0.47
Vogal anterior	153/519	30	0.40
Vogal posterior	19/71	26	0.34

FONTE: Pesquisa de Campo.

Os resultados indicam que a escolha de *pra* ou *pa*, isto é, a redução de uma sílaba do vocábulo para é influenciada pela proximidade do ponto labial. Ainda segundo os dados, as labiais têm um peso um pouco mais favorável que as coronais, logicamente por estarem mais próximas do ponto labial. A repetição de sons de natureza articulatória semelhante pode ser a explicação deste fenômeno, pois em ambos os casos, temos apenas uma sílaba – uma com padrão CV e outra com padrão CCV.

Outro aspecto interessante no estudo da influência do contexto fonológico seguinte com variação da preposição *pra* é o comportamento das vogais. As vogais posteriores (0.66) e vogais anteriores (0.60) favorecem a ocorrência de *pra*, diferentemente da vogal central (0.34) que favorece o aparecimento de *pa*. Hipóteses levantadas em relação à influência do contexto fonológico seguinte no comportamento variável da preposição foram, em sua maior parte, confirmadas pelos dados.

5.1.2 Escolarização

Em relação às variáveis sociais, escolarização e faixa etária foram selecionadas como relevantes para o fenômeno linguístico em estudo. Enquanto que a variável sexo se mostrou pouco relevante no processo de escolha das variantes da preposição *pra*.

O fator escolarização é apontado, por meios de diversos estudos de língua falada, como responsável pela forte influência na escolha de uma variante em detrimento de outra. O fato é que falantes com nível maior de escolarização trazem uma tendência ao uso de formas padrão, diferente dos falantes com menor nível de escolarização.

A escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança. (VOTRE, 2003, p.51)

Em Araguatins, o fator escolarização revelou-se decisivo na escolha das variantes, indo ao encontro do previsto nas hipóteses iniciais de que a forma padrão seria preferida. No discurso dos falantes de escolaridade mais elevada, há uma predominância da variante *pra* (0.61) – considerada como referência padrão neste trabalho pela força das ocorrências -, enquanto que no discurso dos menos escolarizados esse número baixa demasiadamente (0.37).

Os resultados totais desse grupo de fator estão ilustrados na tabela 3:

TABELA 3: Escolarização: Efeito da variável PRA no corpus de Araguatins- TO

Escolaridade	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Baixa	467/1019	45	0.37
Media	597/1013	58	0.50
Alta	788/1143	68	0.61

FONTE: Pesquisa de Campo.

TABELA 4: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins- TO

Grupo	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Baixa	552/1019	54	0.63
Media	416/1013	41	0.50
Alta	355/1143	31	0.39

FONTE: Pesquisa de Campo,

5.1.3 Faixa Etária

A idade é o segundo fator social selecionado como relevante para o processo de variação da preposição *pra*. Ao analisar esse resultado, é possível apontar dois caminhos: a relação de estabilidade de um determinado fenômeno (variação estável) ou a existência de mudanças linguísticas em curso. Por esse motivo, o estudo da variável idade é parte imprescindível em muitos estudos sociolinguísticos.

No caso da variação da preposição, observou-se que os mais jovens, ou seja, entre 15 a 25 anos empregaram a variante pra¹ (0.55). Ratificando que essa variante é a referência de nossa pesquisa, conclui-se que pode ser explicado pelo fato de que essa faixa etária está mais sujeita à interferência da escola, que apregoa a forma padrão, uma vez que a variante citada configura em alguns livros didáticos. Na idade entre 25 a 49 anos, o uso da forma não-padrão diminui. Depois dos 50 anos, percebe-se que o favorecimento retorna, e ao reverter para mais ocorrência da variante pra, temos indicação de um processo de variação estável.

TABELA 5: Faixa Etária: Efeito da variável PRA no corpus de Araguatins- TO

Variável	Aplicação/Total	%	Peso relativo
15-25	565/890	63	0.55
26-49	1007/1869	53	0.46
+ de 49	280/416	67	0.56

FONTE: Pesquisa de Campo, 2009

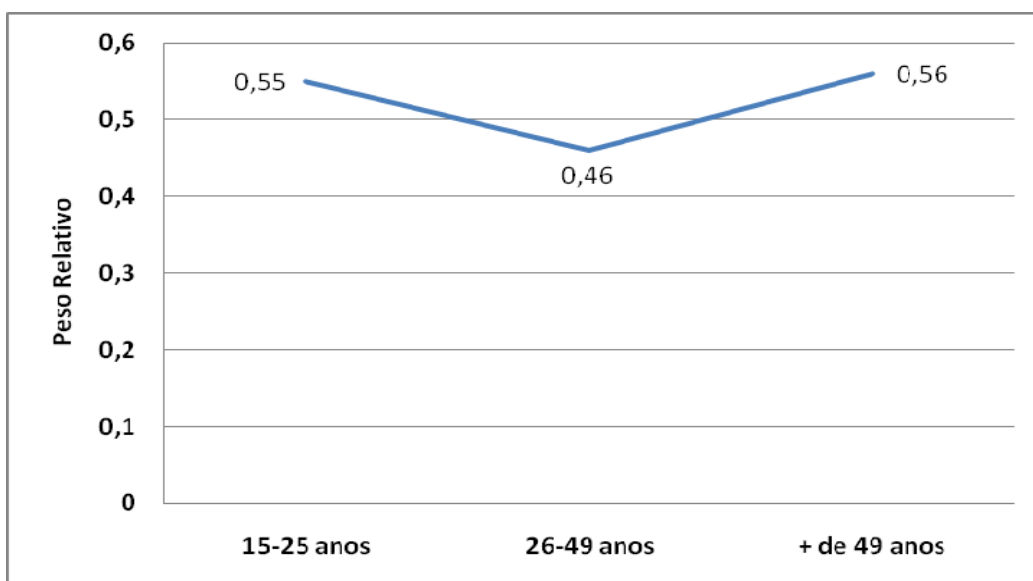
TABELA 6: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins- TO

Variável	Aplicação/Total	%	Peso relativo
15-25	325/890	36%	0.45
26-49	862/1869	46%	0.54
+ de 49	136/416	32%	0.44

FONTE: Pesquisa de Campo, 2009

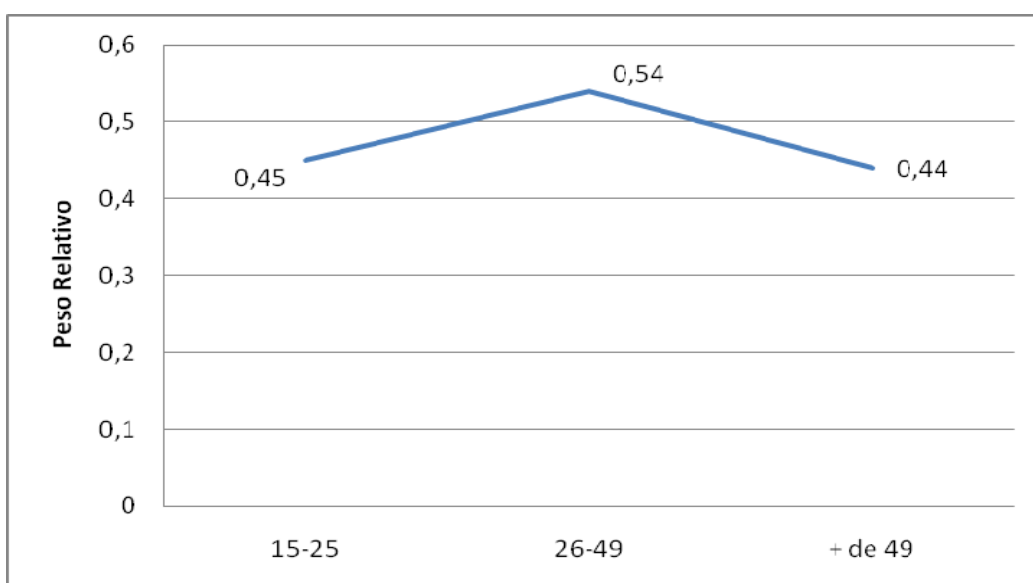
¹ A variável dependente considerada padrão nesse trabalho.

Gráfico 2: Faixa Etária: Efeito da variável PRA no corpus de Araguatins- TO



FONTE: Pesquisa de Campo, 2009

Gráfico 3: Faixa Etária: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins- TO



FONTE: Pesquisa de Campo, 2009

5.1.4 Sexo

Investigando o efeito desta variável social em relação à presença ou ausência de /r/ pós-vocálico, Labov (1966), por exemplo, constatou que as mulheres empregam o /r/ mais do que os homens, isto é, elas utilizam mais a variante padrão

nova-iorquina. De acordo com Silva & Paiva (1996, p. 364), em seu estudo sobre o português falado na cidade do Rio de Janeiro, verificou que o fator sexo foi significativo apenas em alguns fenômenos. Assim, mulheres aspiram e apagam o /s/ em menor grau do que homens, isto é, usam mais a forma padrão. No entanto, as mulheres apresentam maior incidência de queda de /r/, utilizando a forma não-padrão.

Esses resultados opostos, conforme estão descritos são bastante interessantes, pois um deles vai ao encontro dos resultados deste estudo realizado no português falado na cidade de Araguatins-TO, pois a exemplo da pesquisa realizada por Labov, o resultado, mesmo que tímido, aponta favorecimento da variante pelas informantes araguatinsenses.

Silva & Paiva (1996, p. 354), analisando a influência de variáveis sociais em doze trabalhos sociolinguísticos sobre o português falado na cidade do Rio de Janeiro, chegaram à seguinte conclusão:

Nestes trabalhos, a manifesta preferência feminina pelas formas aceitas socialmente se verifica tanto nos fenômenos considerados de variação estável quanto nos de mudança. Em nove dos doze trabalhos que focalizaram variações consideradas estáveis, correlacionadas com a variável sexo, as mulheres prestigiaram a variante padrão. Este comportamento é bastante regular independentemente de se tratar de fenômeno fonológico ou morfossintático em que o fato é estudado.

Há também outras explicações para as diferenças entre homens e mulheres em relação às formas linguísticas. Silva & Paiva (1996, p. 368), por exemplo, propõem:

É possível que esta diferença de comportamento linguístico entre homens e mulheres esteja relacionada ao papel mais efetivo da mulher na socialização da criança. Responsável pela transmissão das normas de comportamento social, dentre elas o linguístico, à mulher cabe a obrigação de ser o modelo exemplar. Desta forma, a atenção da mulher às formas linguísticas de prestígio pode ser vista como manifestação de uma tendência mais geral ao “bom” comportamento. De forma geral, permite-se ao homem e não à mulher a quebra de regras sociais, fato que se refere ao comportamento linguístico.

A teoria de que há uma tendência das mulheres utilizarem com mais frequência as formas padrões, mesmo com uma margem muito pequena, foi ratificada em relação à variação da preposição *pra* no português falado na cidade de Araguatins-TO.

TABELA 7: Sexo: Efeito da variável PRA no corpus de Araguatins-TO

Grupo	Aplicação	%	Peso relativo
Homem	856/1593	53	0.46
Mulher	996/1582	63	0.53

FONTE: Pesquisa de Campo.

TABELA 8: Sexo: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins-TO

Grupo	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Homem	737/1593	46	0.53
Mulher	586/1582	37	0.46

FONTE: Pesquisa de Campo.

Os papéis sociais entre homens e mulheres estão cada vez mais parecidos. Hoje em dia, as mulheres são mais influenciadas pelo status social relacionado ao trabalho e estão mais integradas em redes sociais mais complexas. De certa forma, os números dessa pesquisa mostram um leve favorecimento dessa tendência.

5.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS DESCARTADAS

Os fatores descartados como possíveis condicionadores do fenômeno estudado foram:

- (i) Presença de Vibrante no item seguinte
- (ii) Paralelismo Formal;

5.2.1 Presença de Vibrante no Item Seguinte

A hipótese levantada foi a de que haveria uma tendência maior ao uso da variante *pa* se a palavra seguinte apresentasse uma consoante vibrante. Isso

poderia ser explicado pela relativa dificuldade com pronúncia de vibrantes em duas palavras seguintes. Dessa maneira, seria mais fácil pronunciar (i) do que (ii) ou (iii):

(i) sai pa trabaia lá.

(ii) Pessoas pra trabaia lá.

(iii) Pessoas *para* trabaia lá².

TABELA 9: Presença de vibrante no item seguinte: efeito da variável PRA no corpus de Araguatins-TO

Grupo	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Não presença	1755/2957	59	0.51
Presença na 1 ^a	40/121	33	0.29
Presença na 2 ^a	57/97	58	0.45

FONTE: Pesquisa de Campo.

TABELA 10: Efeito da variável PA no corpus de Araguatins- TO

Grupo	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Não presença	1202/2957	40	0.49
Presença na 1 ^a	81/121	66	0.70
Presença na 2 ^a	40/97	41	0.54

FONTE: Pesquisa de Campo.

Como se pode observar, a hipótese estava certa, uma vez que os resultados dos pesos relativos foram favoráveis ao PA. Contudo, a presença da vibrante desfavoreceu o *pra* (0.45) com a vibrante na segunda sílaba e mais ainda na primeira sílaba (0.29).

² Apenas o exemplo com para não foi possível encontrar no corpus do Projeto VALTINS

5.2.2 Paralelismo Formal

No que se refere à variação da preposição pra, o fator Paralelismo Formal se mostrou irrelevante. De fato, o próprio programa GOLDVARB descartou essa variável, por isso não foi possível comprovar a hipótese colocada sobre o paralelismo formal.

Após a apresentação e a análise dos resultados dos dados mostrados neste capítulo, faz-se necessário, agora, compará-los com outros trabalhos realizados em outras regiões do país, para saber se o comportamento da variável é semelhante ou não.

6 VALTINS X VALPB

É salutar o confronto de resultados com outro trabalho, principalmente tratando-se de espaços geográficos distintos, e mais ainda, levando em consideração a grandeza territorial do nosso país.

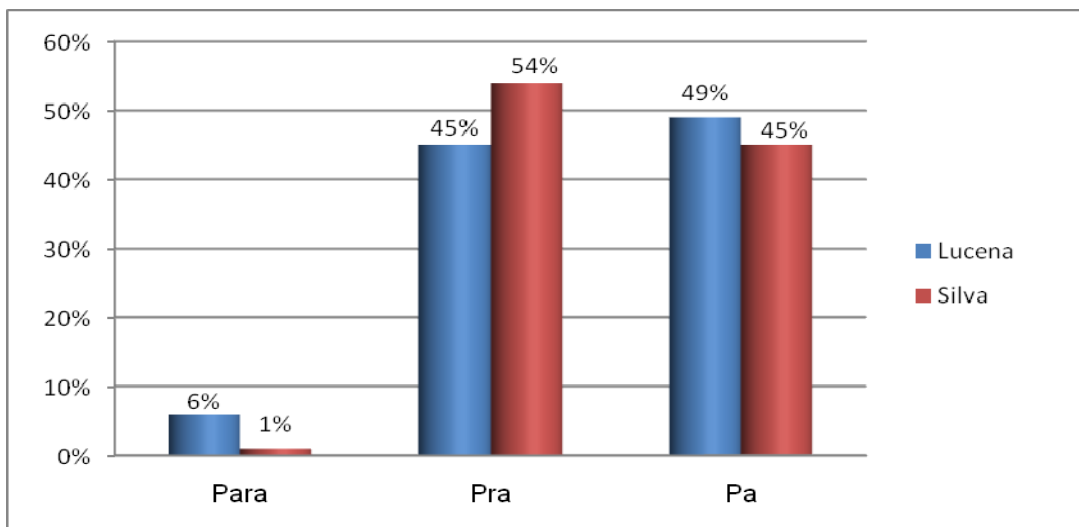
Os fatores controlados nesta pesquisa, que utiliza o corpus VALTINS – Variação Linguística do Tocantins-TO -, não são muito diferentes dos apresentados por Lucena (2001), quando pesquisou o comportamento da variante para, utilizando o corpus VALPB – Variação Linguística da Paraíba-PB.

A escolha dos dados para compor o confronto foi em virtude de, mesmo com algumas particularidades de cada corpus, os critérios adotados nos dois projetos são bem parecidos, principalmente, em relação ao perfil dos informantes.

Tabela 11: VALTINS X VALPB

VALTINS	VALPB
Natural de Araguatins ou morar desde 2 anos de idade	Natural de João Pessoa ou morar desde 5 anos de idade
Não ter se ausentado mais que 2 anos	Não ter se ausentado mais que 2 anos
Seleção aleatória	Seleção aleatória
36 informantes	24 informantes
Sexo, faixa etária e nível de escolarização.	Sexo, faixa etária e nível de escolarização.

Por se tratar de fenômeno linguístico semelhante investigado nos dois trabalhos, comparou-se, a princípio, o número de ocorrências das variantes para, pra, e pa, conforme gráfico:

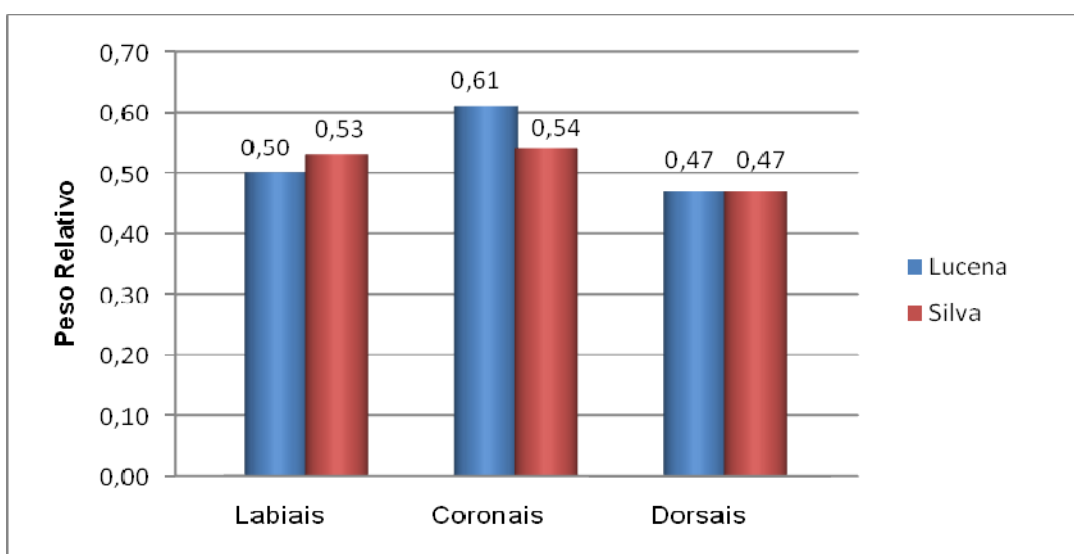
Gráfico 4: Ocorrência das variantes (*para*, *pra* e *pa*)

FONTE: Pesquisa de Campo, 2009; Lucena (2001)

Em conformidade com os números acima, a variante padrão PARA já apresentava no VALPB uma baixa incidência, sendo ratificada na língua falada do nativo de Araguatins. Chamaram à atenção os resultados invertidos de *pra* e *pa*.

Como variável importante no processo de variação da preposição PARA, o contexto fonológico seguinte foi o primeiro a ser confrontado. A forma PA serviu de referência, pois o trabalho exposto por Lucena (2001) apresentou apenas as formas *para* e *pa* separadamente, e nesta pesquisa as formas *pra* e *pa*.

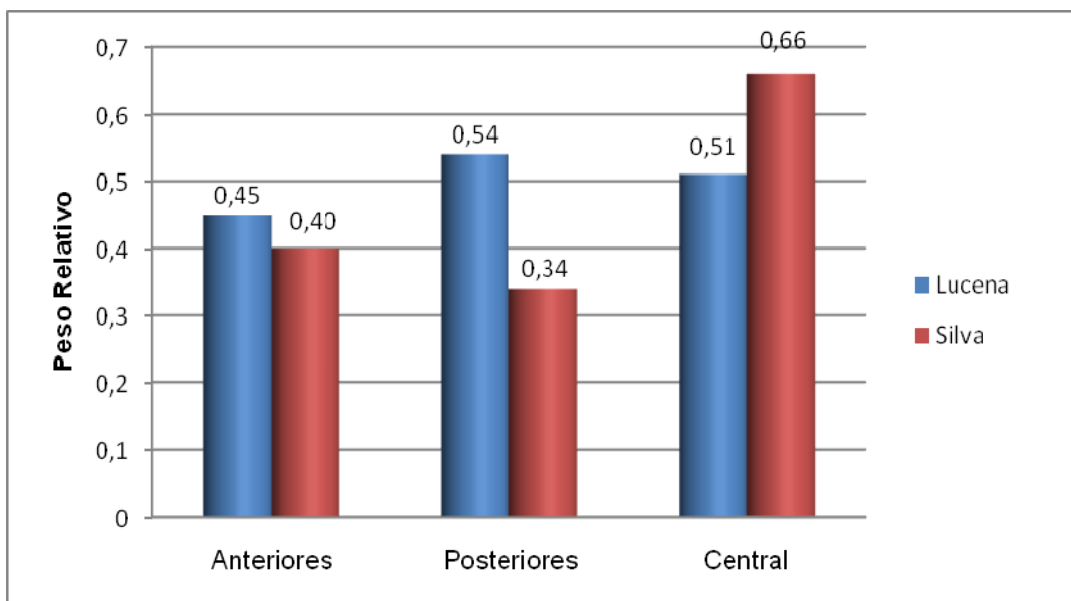
Gráfico 5: Contexto Fonológico Seguinte - PA
(consoantes labiais, coronais e dorsais)



FONTE: Pesquisa de Campo, 2009; Lucena (2001)

Os resultados mostraram-se, razoavelmente, semelhantes nas duas pesquisas.

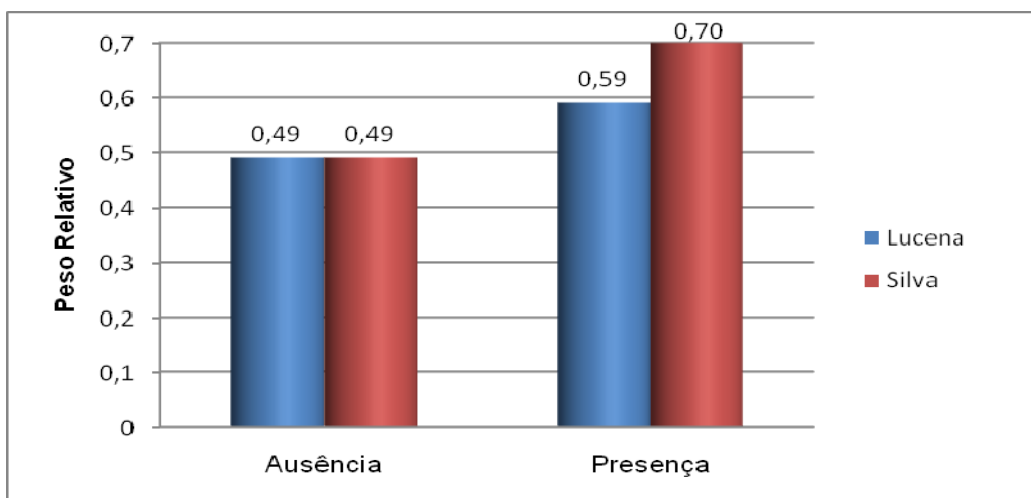
Gráfico 6: Contexto Fonológico Seguinte – PA
(vogais anteriores, posteriores e central)



FONTE: Pesquisa de Campo, 2009; Lucena (2001)

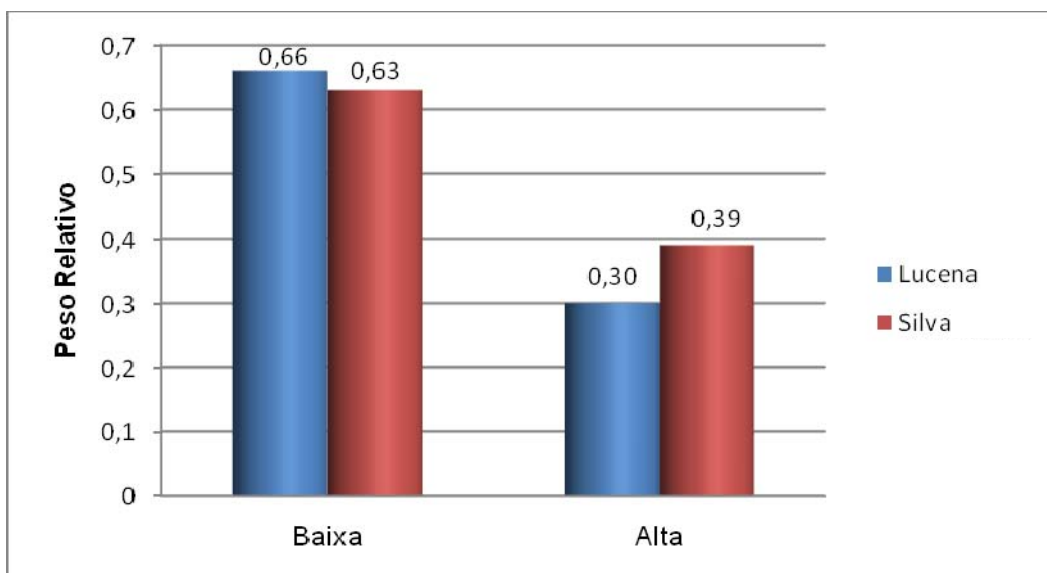
As vogais anteriores nos dois trabalhos demonstraram resultados parecidos, assim como com a vogal central que favorece a variante citada. A disparidade é visível nas vogais posteriores.

A terceira variável confrontada, a vibrante. Neste caso houve semelhança nos dados, a explicação pode ser a influência pela proximidade do ponto labial. Para percepção melhor, segue o gráfico:

Gráfico 7: Vibrante – PA (ausência e presença)

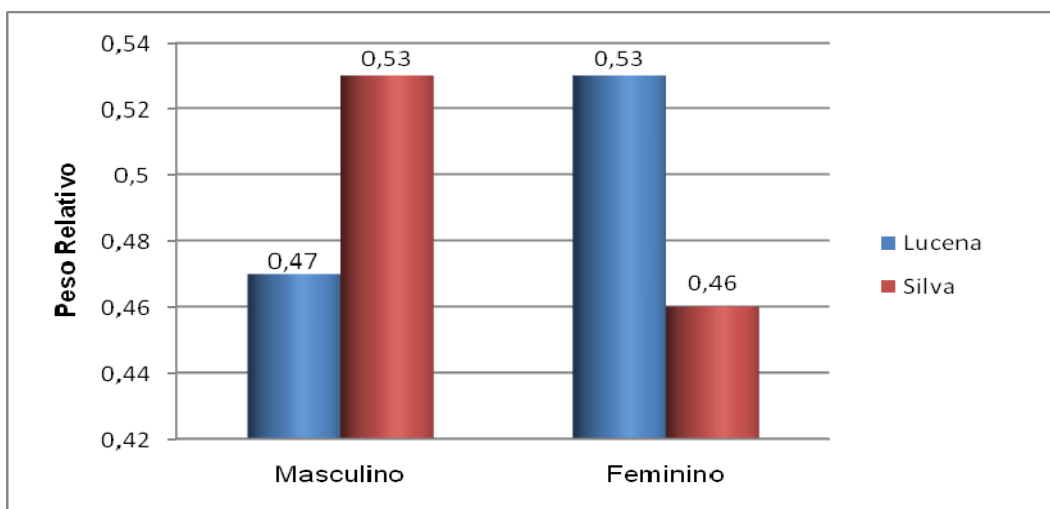
FONTE: Pesquisa de Campo, 2009; Lucena (2001)

A primeira variável social confrontada, escolaridade, evidenciou que a variante PA é a forma estigmatizada. Comungam com essa explicação os dois trabalhos, pois os gráficos são numericamente compatíveis, desfavorecendo e muito a forma analisada.

Gráfico 8: Escolaridade – PA (baixa e alta)

FONTE: Pesquisa de Campo, 2009; Lucena

Já em relação à variável sexo, houve uma inversão dos índices de peso relativo, uma vez que os dados mostram exatamente o contrário nos dois trabalhos. O sexo feminino se mostrou mais conservador nos dados apresentados na pesquisa realizada em Araguatins-TO.

Gráfico 9: Sexo – PA (masculino e feminino)

FONTE: Pesquisa de Campo, 2009; Lucena

Espera-se que com o conhecimento da realidade linguística analisada/confrontada, facilite o entendimento de fenômenos linguísticos variáveis e a sua relação com a ortografia, pois, as variações na fala não ocorrem, necessariamente, na escrita.

7 CONCLUSÃO

Esta pesquisa focou o fenômeno da variação da preposição *para* no falar do nativo de Araguatins, estabelecendo como parâmetro a teoria da variação laboviana, pois é condicionada por variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Os resultados desta investigação configuram-se da seguinte forma:

I - As variantes linguísticas mais produtivas no português falado na cidade de Araguatins são, na ordem, *pra* e *pa*. A variante *para* *apontou uma insignificância, com percentual de 1 % das ocorrências, o que nos levou a conclusão de que a variante para está cada vez mais restrita ao uso escrito e vem sendo cada vez menos utilizada na língua falada.*

II - Quanto ao número de ocorrência de PARA, verificamos que das 35 ocorrências, 18 foram apenas de um informante masculino, adulto e de escolaridade média, que tem leitura assídua da bíblia e por esse motivo utiliza a forma padronizada que neste trabalho não é a usual pela grande maioria dos informantes. Ainda destas 35, uma ocorrência foi verificada pela expressão “luz para todos”, programa social do governo federal, dita por uma informante adulta e de escolaridade baixa. Isso retrata mais ainda que o uso em linguagem oral dessa variante é mais excluído do que os números apontaram.

III - As variáveis que exercem papel significativo classificadas pelo programa computacional GOLDFARB, utilizado nesta pesquisa, distribuídas na seguinte hierarquia descendente: contexto fonológico seguinte, escolaridade, faixa etária, sexo, pausa, Presença de Vibrante no item seguinte. O Paralelismo Formal foi excluído pelo programa por não ser relevante.

IV – com referência às variáveis linguísticas analisadas, os fatores que mais favoreceram (resultados com valores acima de 0.50) à variante dependente PRA foram Vogais posteriores /o/, /ó/, /u/; as vogais anteriores /e/, /é/, /i/; dorsais /k/, /g/, /r/ (contexto fonológico seguinte). Com referência às mesmas variáveis, os fatores que favorecem menos a variante PRA (resultados com valores abaixo de 0.50) vogal central /a/; labial /p/, /b/, /m/, /f/, /v/, coronal: /t/, /d/, /n/, /r/, /l/, /s/, /z/, /j/, /ʃ/, /ɲ/, /ʎ/ (contexto fonológico seguinte).

V - Não foi possível confirmar a hipótese colocada sobre o paralelismo formal, em virtude, dessa variável linguística, ter sido descartada pelo próprio programa GOLDVARB. A hipótese inicial era de que as variantes eram influenciadas pela sua forma precedente, ou seja, não importa se para, pra ou pa.

VI - A presença de vibrante no vocábulo seguinte foi o mais favorável ao uso da variante pa, portanto esse fator tem muita representatividade para o fenômeno linguístico em estudo.

VII - Em relação ao fator posição das variantes em relação a pausas, chegou-se ao seguinte resultado: por estar com peso relativo demonstrando neutralidade, compreendemos que não é um fator relevante para a variação, sendo que percebeu-se um pequeníssimo favorecimento do PA.

VIII – Em relação às variáveis sociais, os fatores decisivos são escolaridade e faixa etária com valores consideráveis. A terceira variável analisada foi o sexo que se revelou não muito expressiva, porém o uso da variante PRA mostrou-se com uma tênue vantagem da mulher.

IX - A variável sexo feminino favoreceu um pouco mais as variantes não-padrão. De certa forma, os números parecem refletir uma tendência cada vez maior de que os papéis de homens e mulheres na sociedade estão cada vez mais parecidos, o que, certamente, reflete na forma de falar.

X - Neste trabalho abordaram-se, apenas, as variáveis extralinguísticas: sexo, *grau de escolaridade e faixa etária do informante*. A expectativa para essas variáveis é a de que falantes masculinos, com menor grau de escolaridade e mais idosos tenderiam a apresentar uma maior frequência para a variável PA. Isso só não foi comprovado no fator idade.

XI - A utilização, em menor escala, da variante padrão nos indivíduos entre 26 e 49 anos, hipoteticamente, poderá ser por estarem iniciando ou exercendo plenamente seu potencial de trabalho. A pressão social sofrida por esses indivíduos no sentido de se identificarem a um determinado grupo social pode ser justificada. Essa influência social foi denominada por Labov (1966) de “prestígio encoberto” (*covert prestige*) das formas linguísticas: o falante quer usá-las, pois elas garantem a sua identidade com o grupo a que ele pertence.

XII - Quanto à variável faixa etária, constatou-se que os falantes mais jovens e os mais velhos utilizaram mais o PRA, ao contrário dos adultos, que favoreceram o PA. A menor taxa da variante pra está entre os falantes da classe intermediária, portanto com relação à variante pra verificou-se um fenômeno de variação estável na fala do nativo de Araguatins-TO.

A língua existe em função do equilíbrio de duas forças – uma que tende a conservá-la, mas que não sendo bem equilibrada a faria estagnar; outra que tende a transformá-la e que, também não sendo bem dosada, a faria destruir-se e dissolver-se. É exatamente a luta entre essas duas forças que produz a variação linguística.

O fenômeno de variação da preposição para tem um caráter abrangente, atingindo, talvez, a totalidade do território brasileiro. Os surpreendentes resultados obtidos, nesta pesquisa, atestam que no uso da fala do araguatinense, hoje, sinaliza um desaparecimento desta variante na oralidade. Com relação as outras variantes, pra e pa, detectou-se um fenômeno de variação estável na fala do nativo de Araguatins-TO.

Espera-se que os resultados desta pesquisa somados a outras investigações linguísticas, possam contribuir fornecendo subsídios para ampliar o conhecimento do português falado no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **NBR 6024:** informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. **NBR 6027:** informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. **NBR 6028:** informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- ALKIMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.) **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008. V.1, p.21-77.
- ALMEIDA, Nilson Teixeira de. **Gramática da língua portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militar.** São Paulo: Saraiva, 2003.
- BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação:** recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPURCRS, 2002.
- BORGES NETO, J. Empreendimento Gerativo. In: MUSSALINI, F.; BENTES, A. C. (Org.) **Introdução à linguística:** fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. V.3, p. 93-130
- CAMARA JUNIOR, Joaquim M. **Estrutura da língua portuguesa.** 36.ed.. Petrópolis: Padrão, 2004.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim M. **História da linguística.** 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica.** 6.ed. Rio de Janeiro: Sedegra, 1970. p. 29.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica.** São Paulo: Ática, 1991.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. **Gramática:** fonética e fonologia, morfologia, sintaxe e estilística. 10.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- FELGUEIRAS, Carmem. **Análise da variação no uso da preposição para dissertação de mestrado.** Rio de Janeiro, UFRJ, 1993.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo : FTD, 2003.

FISCHER, J. L. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. **Sociolinguística**. RJ: Eldorado, 1974.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & senzala**. 34.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HORA, Demerval da. Variação linguística no Estado da Paraíba: aspectos fonéticos-fonológicos In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (Ed.). **Substandard e mudança linguística no português do Brasil**. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p. 315-328.

_____. **Estudos sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. Santa Maria, RS: Pallotti, 2004.

IBGE. **Normas de apresentação tabular**. 3.ed. Rio de Janeiro, 1993.

ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna C. **Introdução à sociolinguística**: fundamentos epistemológicos. 4.ed. São Paulo : Cortez, 2009. V. 3, p.53-92.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140

KOCH, Ingedore Villaça. **A Inter-ação pela linguagem**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 2008.

LUCCHESI, D. **A Variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Rio de Janeiro. 2000. 364f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LUCENA, R. M. **Comportamento sociolinguístico da sreposição PARA na fala da Paraíba**. João Pessoa. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) Uiversidade Federal da Paraíba.

MARTELOTTA, M. E. et al. (Org). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Org.) **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. 8 ed. São Paulo : Cortez, 2008. V.1

_____. **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009. V.3

NARO, A. J. O Dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p.43-50.

_____; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Sociolinguística. Campinas: UNICAMP/ IEL, n.20, p. 9-15, jan./jun. 1991.

PAIVA, Maria da Conceição A. de. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SCHERRE, Maria M. P.; SILVA, Giselle M. de O. (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filosofia, UFRJ, 1996.

_____. A Variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p.33-42.

RAND, D.; SANKOFF, D. **Goldvarb**: a variable rule application for Macintosh. Montreal: Université de Montreal, 1990.

ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S. A. **GOLDVARB 2001**: a multivariate analysis application for Windows. Heslington: University of York, 2001.

SACONNI, Luiz Antonio. **Nossa gramática**: teoria e prática. 26.ed. São Paulo: Atual editora, 2001.

SCHERRE, Maria M. P. A Concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. **Organon**, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 52-70, 1991.

_____; SILVA, Giselle M. de O. (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filosofia, UFRJ, 1996.

SEVERO, Cristine Gorski. Sobre o apagamento de Humboldt das teorias linguísticas modernas. **Revista de Ciências, Educação e Artes Dom Domênico**, Guarujá, v.1, p. 1-10, 2007.

SILVA, Giselle M. de O.; PAIVA, Maria da Conceição A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SCHERRE, Maria M. P.; SILVA, Giselle M. de O. (Org.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filosofia, UFRJ, 1996.

SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa**: uma abordagem pragmática. Campinas, SP: Papirus, 1995.

TARALLO, F. **A Pesquisa sociolinguística**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus. São Paulo: Cortez, 1997.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento. Um estudo da variação da preposição para no português do Brasil. In: **Colóquio Internacional Substandard e Mudança no Português do Brasil**, 1997.

VOTRE, S. Escolaridade. In: MOLLICA, M, C. (Org.) **Introdução à sociolinguística variacionista**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

ANEXOS

ANEXO – A

QUESTIONÁRIO SOCIAL

DATA DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO: ____ / ____ / ____

NOME :

SEXO: () MASCULINO () FEMININO

IDADE: _____

DATA DE NASCIMENTO: _____

ESCOLARIDADE: () 1 a 4 anos () 5 a 9 anos () 10 anos ou mais

JÁ MOROU EM OUTRA CIDADE:

() NÃO () SIM, MENOS DE 2 ANOS () SIM, MAIS DE 2 ANOS

ENDEREÇO: _____

TELEFONE RESIDENCIAL: _____

TELEFONE CELULAR: _____

HORÁRIOS MAIS CONVENIENTES PARA UMA POSSÍVEL ENTREVISTA:

HORA	DIA DA SEMANA	LOCAL

ANEXO - B

FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Nº do Entrevistado: _____

Data da entrevista: _____

01) Nome: _____

02) Endereço: _____

03) Data de nascimento: _____

04) Você estuda? () sim () não () nunca estudou

05) Qual série? _____

06) Até que série você cursou? _____

07) Por que você não continuou? _____

08) Você trabalha? () sim () não

09) Que tipo de atividade você faz? _____

10) É essa sua profissão? () sim () não

11) Qual é sua profissão? _____

12) Você tem uma outra profissão? () sim () não

13) Você é financeiramente independente? () sim () não

14) Você recebe ajuda financeira de quem? () família () outros

15) Qual a sua renda mensal aproximada (ou renda familiar, se for independente)?

Renda individual: _____

Renda familiar: _____

16) Além de você, quantas pessoas moram em casa? _____

17) Qual é a relação de parentesco que há entre vocês?

☐ parente (tio, avó, primos) ☐ não parentes

18) Você costuma ver TV? ☐ sim ☐ não

19) Que programa(s) você assiste? ☐ novela ☐ notícias ☐ esportes

☐ outros, Quais _____

20) Você costuma ouvir rádio? ☐ sim ☐ não

21) Em que horário você ouve? _____

22) Você lê jornal? ☐ não ☐ diariamente ☐ de vez em quando

23) Qual(is) jornal(is)?

24) Lê revista? ☐ sim ☐ não Que revistas você lê?

25) Você vai ao cinema? ☐ não ☐ sempre ☐ de vez em quando

26) Qual a sua diversão favorita?

27) Você gosta de carnaval? ☐ sim ☐ não

28) Você gosta de futebol? ☐ sim ☐ não

29) Você pratica algum esporte? ☐ sim ☐ não

30) Qual esporte? _____

31) Você tem alguma religião? _____

32) Você é uma pessoa que

☐ nunca sai de sua cidade

☐ só sai a negócio

☐ sempre sai para passear

33) Passa muito tempo fora?

() menos de um mês

() mais de um mês

34) Você já passou por algum problema sério de saúde ou risco de vida? Qual?

ANEXO - C

CRONOGRAMA

PERÍODO	ATIVIDADES
Julho de 2008 a Abril de 2009	- Revisão da Literatura e Redação dos Capítulos 1, 2 e 3
Março a julho de 2009	- Aplicação dos questionários sociais
Agosto a dezembro de 2009	- Realização das Entrevistas, Transcrição Fonética e Tabulação dos dados obtidos
Março a julho 2010	- Análise dos resultados, Redação dos Capítulos 4 e 5 e Últimas adequações indicadas pelo orientador

ANEXO - D

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA

Declaro estar ciente de que o questionário social, em anexo, será utilizado para seleção de informantes no desenvolvimento do projeto de pesquisa para obtenção do título de mestre do professor Adriano Carlos de Moura junto a Universidade Federal da Paraíba e que, caso haja necessidade, estou predisposto a conceder uma entrevista em local e data a serem combinados posteriormente.

_____, _____ de _____ de 200____.

Entrevistado